

Defesa Nacional



4457



DE JANEIRO

9 4 3

NÚMERO

3 4 4

DIRETORES RESPONSÁVEIS:

Cel. Renato Batista Nunes

Cel. Grazimbo M. Pereira

Ten. Cel. Lima Figueiredo

Ten. Cel. Djalma Dias Ribeiro

Maj. Batista Gonçalves

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXX

Brasil — Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1943

N.º 344

SUMÁRIO

Pags

Editorial	3
Mobilização selecionada — Cel. T. A. Araripe	7
O adestramento do cavalo d'armas — Cap. Hugo M. Bethlehem	17
Base para uma lei de promoções	29
A criação de uma D.I. — Tradução — Cel. J. B. Magalhães	41
Reaprovisionamento das G. U. Moto-mecanizadas e Motorizadas, no decurso das operações — Ten.-Cel. Alencar Lima	57
A arma de transmissões — Major Alfredo Malan	65
O Médico e o Infante — Tradução — Cel. Mac Cord "Comandos" — Tradução — Major Adalardo Fialho	71
Terá a Artilharia de Campanha aprendido a proteger-se? — Tradução e adaptação — 1.º Ten. Nilton Freixinho	83
Santos e heróis militares — Cel. Silveira de Mello	93
Minas anti-carro — Cap. Dilermando Gomes Monteiro	99
Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate — Major Olímpio Mourão	109
Livros do Exército — Cap. Umberto Peregrino	111
NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO:	
Alfredo Malan d'Angrogne	13
Seis grandes homens do Brasil	13
Mensagem da escritora uruguaia Adela Maggia	13
Atos oficiais do Ministério da Guerra	13

A DEFESA NACIONAL

REVISTA
DE ASSUNTOS
MILITARES



ANO XXX

TOMO 1

1943

DE NORTE A SUL

MÁU grado as dificuldades criadas pela guerra, a Anglo-Mexican continua mantendo, de Norte a Sul, as suas filiais e agências e os revendedores dos produtos Shell, envidando assim seus melhores esforços no sentido de bem servir os transportes e as indústrias nacionais.

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO., LTD.

Praça 15 de Novembro, 10 - Rio de Janeiro

Conselhos Gerais

Em caso de recear uma infecção, por ter estado em palestra ou em contacto mais prolongado com uma pessoa doente, aconselha-se, além de lavar as mãos e de gargarejar com água pura ou com água e sal, — chupar duas pastilhas de Panflavina para evitar uma angina, uma difteria ou outra infecção cuja porta de entrada é a boca.

As pastilhas d'Panflavina dispensam, muitas vezes, os gargarejos antissépticos, alguns dos quais são, às vezes, irritantes.

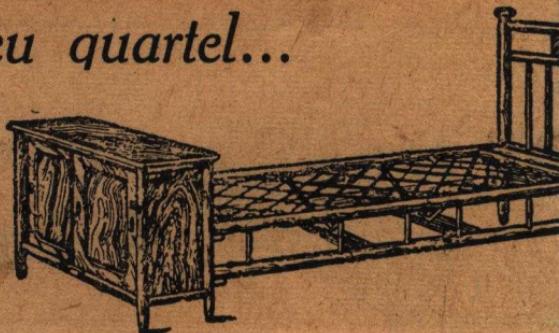
Em época de gripes, de cachumba, de difteria, de escarlatina, não se deitar sem chupar, previamente, uma ou duas dessas pastilhas.

No caso de um filho ter estado em contacto com uma criança ou um adulto com uma das infecções acima referidas, deve-se dar-lhe, após as medidas gerais de asseio das mãos, do rosto e da boca, uma pastilha de Panflavina para chupar e, à noite, ao deitar-se, outra.

Para o seu quartel...

Prefira

a



CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A FAIXA AZUL

Indústrias "CAMA PATENTE" - L. LISCO" S. A.

RIO — RUA FIGUEIRA DE MELO, 307 — SÃO CRISTOVAM

RIO — Loja: Rua 7 de Setembro, 177
S. PAULO — Rua Rodolfo Miranda, 97
B. HORIZONTE — Rua Espírito Santo, 310
Pelotas — Rua 15 de Novembro, 626
Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1.205

BAÍA — Praça Tupinambá, 3
RECIFE — Rua Dr. José Mariano
RECIFE — Loja: Rua da Imperatriz
Fortaleza — Rua Floriano Peixoto
Belém — Pará — Rua Sen. Barata

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Paga e recebe até às

5 $\frac{1}{2}$ HORAS DA TARDE

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua da Alfandega, 50

Caixotaria Brasil Ltda.



RUA GENERAL CAMARA 313

Rio de Janeiro

Srs. Oficiais! Ide viajar?
Procurai a "Caixotaria Brasil"
Trabalha 90% para militares
Centenas de atestados.
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarrega-se de embarque e despacho
Orçamento sem compromisso

Rua General Camara, 313

Fone 43-4339

RUPTURITA

Aito Explosivo Brasileiro
[de: ALVARO ALBERTO

Oficial da Marinha e Professor de Explosivos na Escola Naval
SOCIEDADE BRASILEIRA DE EXPLOSIVOS RUPTURITA S. A.

Rupturita Hidráulica — Considerado pela E. de F. Central do Brasil, como explosivo de 1.ª classe, com rendimento equivalente, ou superior ao das melhores dinamites estrangeiras e comparável ao da própria "blasting gelatine" Nobel; adequado ao trabalho em rochas ôuríssimas e ôs montes sob agua.

Escritório: AV. RIO BRANCO, 137 • Cx. Postal, 2321 • Telephone: 23-2739
8.º and., Salas, 810-820 — Edifício GUINLE

Códigos: Ribeiro, Bentleys e Mascote, 2.ª
Endereço Telegráfico: "RUPTURITA"

RIO DE JANEIRO

AO GUILHERME TELL

THEODORO REYNER

Rua da Quitanda, 45 — Tel. 23-4801 — RIO DE JANEIRO
Tinge-se e lava-se todas as qualidades de fazendas de seda, de lã e de algodão em peça e em obra, qualquer que seja a côr; tira-se-lhes o môfo
Fabrica; Telephone 28-3770 — Rua São Francisco Xavier, 321

ARMAZEM LOBO DA AMÉRICA

Líquidos e Comestíveis Frios

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

REI DOS BARATEIROS

ANTONIO FRANCISCO DE OLIVEIRA

Rua Aristides Caire, 314 — Meyer — Telephone 29-2120
RIO DE JANEIRO

CARVOARIA UNIÃO

Grande deposito de carvão de lenha em taipa, rocos e achas, recebidas diretamente
VENDAS POR ATACADO E A VAREJO

JOSÉ FIRMINO MORAES

Rua Camarista Meyer, 36

Eng. de Dentro — Telephone 29-4367



CONFORTO

CONFORTO é a primeira exigência de quem se barbeia. Faça a barba diariamente com Gillette Azul e ficará satisfeito.



Lamina **GILLETTE AZUL**

A DEFESA NACIONAL
é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar
PARA O EXÉRCITO

MANDEM SUAS
COLABORAÇÕES



EDITORIAL

Tem sido um espetáculo extremamente grato e também altamente significativo o da apresentação dos reservistas brasileiros convocados em face da mobilização.

Verdade é que os nossos reservistas vinham sendo trabalhado, há alguns anos, no sentido de uma melhor, mais estreita e mais compreensiva identificação com os seus deveres militares, através da grande parada anual do dia 16 de dezembro, que é, do mesmo passo, um excelente elemento de controle nas mãos das autoridades.

Vimô-los, assim, cada ano, no DIA DO RESERVISTA, acorrendo em massa aos postos de registro dos seus certificados. Isto era o anúncio do que teriam agora ao chamado real, ao apelo da Pátria em perigo.

Enquanto noutras nações adiantadas e mais gravemente atingidas pela guerra, a mobilização

vem sendo realizada, sabidamente, à custa de grande esforço, sobretudo no que se relaciona com a preparação psicológica — mobilização espiritual que vamos chamar assim — no Brasil não houve dificuldades, não houve o que aplacar neste sentido porque a mobilização espiritual foi espontânea. Cada brasileiro compreendeu imediatamente o seu dever e abraçou de corpo e coração a causa sagrada da Pátria. Não houve hesitações e muito menos relutâncias.

O fenômeno é tanto mais expressivo quanto é certo que o Brasil vivia há longo tempo em relativa segurança internacional. Sem preocupações guerreras, sem fronteiras que se pudesse considerar agudamente críticas, o Brasil incluia-se na categoria dos países isentos do SENTIMENTO DO PERIGO. Não conhecemos o que é viver em estado permanente de alerta, sobrecarga material e angustia de tantos povos do Velho Mundo.

Pois bem, não obstante tudo isso, que magnifica, que edificante prova de vitalidade deram os brasileiros ao primeiro rebate da guerra no nosso litoral !

Pode-se, sem dúvida, confiar nesse material humano — tão vibrante, portador de tamanha

energia, com uma consciência cívica tão sensível e reações tão prontas.

* * *

Mas, se remontarmos um pouco ao passado, vamos encontrar na palavra de Olavo Bilac, numerosos conselhos, advertências e estímulos, que certamente frutificaram, porque a realidade de hoje não é mais do que a consubstanciação de tudo aquilo que o poeta antevia como resultado do serviço militar generalizado. Dizia ele explicando o sentido do serviço militar: "E' o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; é a educação cívica obrigatória; é a regeneração muscular e psíquica obrigatória. A caserna é um filtro admirável, em que os homens se depuram e apuram".

Da sua voz profética é também essa indagação, repleta de uma prudência que nunca nos devia faltar: "E podemos acreditar que o Brasil, este imenso país de solo fertil e ricas entradas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao benefício da Providência Divina, imune de qualquer investida da ambição ou da necessidade comercial!".

Quem assim falava, com essa aguda percepção que vem da sinceridade e da inteligência, há de ter sempre um grande lugar no apreço do Exército. A melhor maneira, porém, de recordar e homenagear Olavo Bilac, o generoso e fulgurante cruzado do serviço militar, do patriotismo e da grandeza do Brasil, será recapitulando as suas lições, renovando a sua mensagem, sob muitos aspectos, como vimos, de uma flagrante atualidade.

* * *

Devemos estar contentes com a marcha do nosso desdobramento militar, que ora se processa. As autoridades adotaram um critério de alta sabedoria, chamando ao serviço, primeiro, as reservas menos eficientes, de modo a ajustá-las, equiparando-as, neste período preparatório, às de 1.^a categoria. Os brasileiros mostraram-se verdadeiramente admiráveis na regularidade e presteza com que atenderam aos seus deveres militares.

Assim, estamos atingindo, sem transtornos para a vida nacional, os efetivos convenientes, ao mesmo tempo que consolidamos o preparo de uma parte das nossas reservas.

MOBILIZAÇÃO SELECIONADA

Pelo Cel. T. A. ARARIPE

PROCESSO ADOTADO PELA REICHSWEHR

Vimos já como no Exército dos Estados Unidos se processou a classificação dos homens, pelas profissões, pelos sem profissão e ainda pelos diferentes graus de inteligência. Não havia no método americano nenhuma indicação sobre a descoberta de aptidões militares propriamente ditas. Tudo se resume em separar as profissões e as inteligências.

O método que foi usado pela Reichwehr no período a partir de 1922 era orientado justamente para a descoberta dessas aptidões militares.

Como o recrutamento se processava exclusivamente por meio do alistamento voluntário a sua execução apresentava relativa facilidade.

E' claro que a Reichwehr tinha interesse em recrutar os seus homens nos meios mais favoráveis à sua finalidade: exército de quadros.

O método de seleção usado baseia-se na Psicotecnia e comprehende várias informações e exames.

O recrutamento era muito descentralizado, praticamente executado pelos comandantes de companhias, baterias e esquadrões. Contudo, havia um programa pormenorizado que estabelecia a uniformidade do método.

A comissão de recrutamento recebia um *questionário* e, além disso, explicações minuciosas sobre a maneira de proceder aos exames e de fazer as perguntas ou propor as situações que deviam ser encaradas pelos candidatos.

QUADRO GERAL DOS EXAMES

A — *Informações preliminares.*

1 — Nome e sobrenome do candidato ?... 2 — Altura ?...
 3 — Data do nascimento ?... 4 — Logar do nascimento ?... 5 — Profissão do pai ?... 6 — Serviu o pai no Exército ?... 7 — Quantos irmãos e irmãs ?... 8 — Onde estão atualmente ?... 9 — Religião do candidato ?... 10 — Profissão anterior ?... 11 — Grau de instrução ?... 12 — Fala o voluntário alguma língua estrangeira ?... Qual ?... 13 — Conhece datilografia e estenografia ?... 14 — A que sociedades pertenceu até agora ?... 15 — Que jornais leu até aqui ?... 16 — Sabe telefonar ?... 17 — Já fez alguma viagem ?... — Para onde ?... 18 — Que desporte pratica ?... 19 — Porque razão quer entrar para a Reichswehr ?... 19a — Sabe nadar ?...

B — *Impressão geral.*

(Dada pelo presidente da comissão de recrutamento segundo a sua impressão pessoal).

20 — Como indício de caráter, produz o olhar do candidato boa impressão ?... 21 — Apresentou-se o candidato com desembaraço ?... 22 — Exprimiu-se com facilidade ?... 23 — Como veste ?... 24 — Apresentou-se limpo ?... 25 — Tem taras corporais perceptíveis ?...
 1.^a Apreciação parcial...

C — *Exame escrito.*

Fiscalizado por... Julgado por... (Juntar os trabalhos escritos com as correções e as observações na margem).

26 — Contar a própria vida ($\frac{3}{4}$ de hora) 27 — Ditado de 10 linhas de último jornal (fatos diversos do local). Qual o tempo necessário para ditar ?... 28 — Provas de cálculo (20 min); — a) Somar números de 4 algarismos; b) Subtrair números de 4 algarismos; c) A estação está a dois quilômetros, fazes um quilômetro em 12 minutos. O trem parte às 12 horas e 16 min. A que horas deves partir do quartel para chegar à estação 10 minutos antes da partida do trem ? ou então

d) Gastas 3 cruzeiros com a alimentação diária. Qual a tua despesa em 31 dias? ... 29 — Redação ($\frac{3}{4}$ de hora): Porque a Alemanha tem necessidade da Reichswehr? ... 2.^a Apreciação parcial... (resultados obtidos de acordo com número de erros; de acordo com a compreensão, o cuidado, a facilidade, etc.).

D — *Exame oral.*

1.^o grupo — Perguntas relativas ao caráter...

Examinado por...

I — O lar paterno, a Pátria e o sentimento religioso (2 perguntas)
 30a) — Os pais em luta com a necessidade de; b) A Pátria em perigo.
 31 — Quando estiveste pela última vez na igreja? — De que falou o padre? ...

II — Sentimentos de moralidade (honestidade, conveniências sociais) (duas perguntas). 32a) — Tens conhecimento de que se praticou um roubo; b) Cobrando uma cotização verificaste que alguém deu 10 cruzeiros a mais; c) Carteira encontrada no trem; d) Uma senhora é desrespeitada na rua por um estranho.

III — Sentimentos de camaradagem duas perguntas). 33 — a) Caso do homem que se afoga. b) Do cavalo em disparada; c) Do camarada bebido; d) Do camarada adormecido, que não pode fazer o seu serviço.

3.^a Apreciação parcial...

2.^o grupo — Aptidões intelectuais.

Examinado por...

IV — Atenção (rapidez do pensamento) (uma pergunta). 34 — Descrição da sala de exame (o candidato é conduzido para fora da sala, depois de ter olhado rapidamente em torno de si). 35 — Treze cruzes traçadas no quadro negro. O candidato volta as costas para o quadro; manda-se que faça meia volta; conta e desfaz a meia volta (prova de rapidez).

V — Memória — dom de observação (uma pergunta). 36 — Descrição do caminho da estação ao quartel. 37 — Explicação do esboço

topográfico em que se marcou o caminho. Do mesmo esboço s caminho marcado.

VI — Inteligência — Presteza de raciocínio (uma pergunta) 38 — Colocar e contar 50 fosforos (colocados na caixa em vários tidos); em quantos segundos ? Estava certa a conta ?

VII — Sentimento da disciplina (uma pergunta). 39. — a) I venção do funcionário da polícia por ocasião de incêndio; b) em gado de estrada de ferro em caso de catastrofe.

VIII — Inteligência em geral ((três perguntas). 40 — a) Por há estradas ? b) Porque há árvores à margem das estradas ? c) Por que há povoações e localidades ? d) Que são fronteiras ? e) Que ferença há entre emprestar e dar ? f) Construir uma frase em entrem as palavras floresta e pássaro.

4.^a Apreciação parcial.

3.^o grupo — *Conhecimentos gerais.*

Examinado por...

41 — Leitura (artigo de jornal) a) O voluntário lê. Como ? Repete de memória o que leu; c) O examinador lê e o voluntário repete o que ouviu. 42 — Cálculo mental (uma pergunta) — Quantos centímetros há em $\frac{3}{4}$ do metro ? Quantos pesam juntos 2 kg de penas 1 kg de chumbo ?... 43 — Geografia — (duas perguntas) — a Capital da Prussia oriental ? b) Rios da Prussia oriental ? c) Que sabe sobre Colonia ? d) Quais são as cinco partes do mundo ? Qual importância tem o corredor polonês ? — História (quatro perguntas) a) Que sabe sobre 1914 ? b) Quais foram as modificações sofridas pelas fronteiras alemães depois dessa época ? c) Qual é a forma atual do Governo alemão ? ,d) (Mostrando o retrato de Frederico o Grande) Quem era ele ? e) Mostrando o retrato de Bismarck). Quem era ele f) Quem foi Lutero (a Reforma) ? g) Que se entende por Serviço Militar obrigatório ? Porque a Alemanha não tem o Serviço Militar obrigatório ?... Profissão — 45 — Uma pergunta sobre a profissão exercida pelo voluntário até então...

5.^a Apreciação parcial...

4.º grupo — Educação e conhecimento prático da vida.

(Duas perguntas). 46 — O examinador faz menção de deixar cair ou desculdo um molho de chaves ou qualquer objeto analogo. Atitude o candidato? Perdi a bolsa de níqueis; como a encontrarei? 48 — Que é o rádio?

6.ª Apreciação parcial...

Exame prático e físico.

49 — Prova de coragem. a) Trepar na barra fixa e sobre a barra, voltar-se, saltar. Índices conseguidores? b) Disparar perto do candidato um tiro de festim. Manifesta ele temor? 50 — Provas físicas. a) Corrida de 100 m; quantos segundos? Fadiga? b) Lançamento de granadas a pé firme, distâncias? c) Levantar seis vezes um peso de 50 libras. 51 — Exercícios preparatórios para o comando — A 50 m. de distância, comandar — “sentido!” e “acelerado marche!”.

7.ª Apreciação parcial...

Algumas regras de execução.

— Convém ter cuidado na maneira de fazer a pergunta. Assim, por exemplo, a pergunta 39 — Intervenção de funcionário da polícia por ocasião de incêndio — exige que o incidente deve ser exposto ao candidato de modo a apresentar um funcionário envolvido por curiosos e precisando de auxílio do público. É interessante verificar se o candidato toma a iniciativa de auxiliar o funcionário ou, se de modo geral, comprehende a situação deste.

— As apreciações parciais da 1.ª a 6.ª devem permitir, de cada vez, um resumo da impressão de conjunto; deve-se principalmente registrar se o candidato pode progredir; melhorar, se dá provas de personalidade, se possue alegria expansiva e se demonstra entusiasmo.

— A 7.ª apreciação parcial deve permitir que se verifique se o candidato demonstra na realidade, força de vontade.

— Para que a observação de conjunto seja verificada, poder-se-á, antes de formulá-la fazer algumas perguntas gerais, de caráter íntimo,

sobre a terra natal, a casa paterna, etc., de maneira a por o homem à vontade.

Material necessário para o exame; — papel, tinta, pena, lapis, quadro negro, giz, dois exemplares de carta topográfica, um mapa do país, fotografia de um vulto nacional, uma caixa de fósforo e um jornal; uma barra fixa, um fuzil com cartuchos de festim e de manejo, duas granadas de mão e um peso de 50 libras.

Sabemos que no último decenio o método psicotécnico de seleção alemão tem evoluído no sentido de cuidadoso estudo do caráter do homem em todas as suas reações espirituais e conjunto psíquico. Aplicam com maior discernimento os quatro princípios fundamentais: a investigação da capacidade espiritual do homem; a investigação sobre o ato prático, o estudo da expressão fisionômica, no mais alto sentido da palavra; e a analise de toda a vida anterior do individuo. Veremos a completa aplicação desses princípios quando estudarmos a seleção do oficial do Exército nazista.

Além disso a seleção militar é facilitada pela Frente Alemã do Trabalho; — que também procura determinar, por meio do exame psicotécnico, a personalidade total dos jovens de maneira a orientá-los para o trabalho mais apropriado. Realizam essa seleção pelo chamado *Trabalho Elementaríssimo*, em que, ao lado do trabalho escolar literário comum, os jovens realizam trabalhos simples com ferramentas simples. Esse ensino elementaríssimo dura um ano e constitue uma psicoteenia a longo prozo para determinar as qualidades do chamado tipo de trabalho do discípulo. Concursos e campeonatos de trabalho completam a seleção e fornecem elementos proveitosos para o diagnóstico psicotécnico.

O estudo comparado dos dois métodos expostos deixa perceber que ambos aplicam os processos correntes do exame psicotécnico individual (7):

- a) observação livre;
- b) observação sistematizada;
- c) questionários;
- d) exame de conhecimentos;

e) testes:

de aptidões básicas;
de aptidões secundárias;
sintéticos;
empíricos;
de conhecimentos.

UM ENSAIO PESSOAL

Já por duas vezes tive ocasião de realizar a classificação e repartição de recrutas em corpo de tropa, procurando adaptar os métodos conhecidos aos nossos parcós recursos e aos conhecimentos ainda rudimentares de Psicotecnia.

Damos a seguir as Instruções para a Encorpuração e funcionamento da Comissão de Encorpuração, prevista no R.I.Q.T. e R.E.C.I., instruções elaboradas pelo comandante do R.I., fazendo parte integrante do Programa de Instrução do corpo. (8)

REGRAS DE ENCORPORAÇÃO

Finalidade: — Estas regras tem por objetivo estabelecer “as condições em que os sorteados e voluntários serão recebidos, examinados, classificados e repartidos pelas sub-unidades, tendo em vista a escolha e designação dos candidatos a cabo, a especialistas, a empregados e artífices e equitativa distribuição dos homens alfabetizados e melhor dotados fisicamente”.

Comissão de Encorpuração: — Para isso, a Comissão de Encorpuração será constituida por 3 Cmtes. de Sub-unidades, o Chefe da Sec. Mob., 3 subalternos, um sargento ou cabo por sub-unidade. Ela funcionará sob as vistas diretas do Sub-Cmt.

Local: — A Escola Regimental.

Seleção e classificação: — Logo após a inspeção de saúde, os homens julgados aptos serão apresentados por grupos de 10 à Comissão.

A Comissão organizará uma série de provas simples (questionários, leitura, quatro operações, testes de inteligência, provas de conhecimento,

8) Do Programa de Instrução do 13.^º R.I. para 1942, e do 3.^º B.C. para 1938.

etc.), (9), a que os homens serão submetidos de maneira que, no final, possam ser classificados em:

Analfabetos	{ vivos pouco inteli- gentes.	{ pouco preparo preparo médio bom preparo.	{ lidam com animais. tem ofícios de espe- cialidade militar. não tem ofício.	{ franzinos. fortes.
Sabem ler	{ vivos pouco inteli- gentes.			

Para esse fim, deverão ser preparadas fichas, com os dizeres acima referidos, bem como outros necessários tais como, idade, filiação, ascendentes, (nacionalidade e profissão dos pais), sinais característicos, estado civil, emprego e profissões, religião, etc.

Essas fichas poderão ser as usadas pelas sub-unidades para anotar a vida dos homens.

Em relatório circunstanciado, a Comissão apreciará as qualidades do contingente apresentado.

Distribuição dos recrutas pelas sub-unidades: — Mediante entendimento com a C.O., os recrutas serão distribuídos pelas Sub-Unidades, de maneira a elevar o efetivo ao mesmo nível relativo, obdecendo às seguintes prescrições:

a) — *Os homens com ofícios* correspondentes às categorias de artífices serão incluídos nas Cias. Fuz., mas destinados as Cia. e Pel. Extra, onde houver vaga da respectiva função e onde serão classificados no inicio do 3.º mês de instrução. Os que excederem às vagas serão relacionados e aproveitados como aprendizes (R.I.S.G. 287);

b) — *Os músicos* serão tambem relacionados para serem aproveitados como aprendizes (R.I.S.G. 287);

9) Foi dado à Comissão o exemplo alemão, para ser adaptado.

c) — *Os homens habituados a lidar com animais* serão, de preferência, designados para as Cias. Mtr. na razão de seu efetivo de condutores, acrescido de 30%; contudo, as Cias. Fuz., receberão alguns homens (carroceiros) em função das vagas de condutor de boléa de seu efetivo, dos Pel. Extra e Cia. Extra.; esses recrutas deverão frequentar o respectivo curso de especialidade;

d) — *Os homens com especialidades*, destinados a candidatos a especialistas dos Pels. e Cia. Extra serão distribuídos equitativamente pelas 2.^a e 5.^a Cias.; os destinados a especialistas das Cias. Fuz. e Mtr. serão distribuídos pelas mesmas na razão do respectivo efetivo;

e) — *Os analfabetos* serão repartidos pelas Cias. Fuz. e Cias. Mtr. na razão de 2:1 respectivamente;

f) — *Os homens de pouco preparo intelectual* serão repartidos pelas Cias. Fuz. e Cias. Mtr. na razão de 2:1 respectivamente;

g) — *Os homens de preparo intelectual médio e bom* serão repartidos pelas Cias. proporcionalmente ao número de vagas de cabos;

h) — *Os homens fortes* serão repartidos pelas Cias. Fuz. e Cias. Mtr. na razão 1:2.

Essa experiência deu bom resultado, porque permitiu que as Sub-Unitades ficassem no mesmo pé de igualdade, com recrutas comparáveis com as suas necessidades funcionais, principalmente no que diz respeito aos candidatos a cabo, os quais já são anotados na Comissão de Encorpulação para observação nas Cias. e indicação para matrícula no fim do 1.^º mês.

Cremos que método análogo pode ser ensaiado nos Postos de Concentração de sorteados, de maneira que os corpos recebam contingentes equilibrados em analfabetos, homens fortes, de preparo médio e bom, habituados a lidar com animais (maior dosagem para as armas montadas), motoristas e mecânicos (para as armas blindadas e motorizadas), telegrafistas e telefonistas (para a engenharia e transmissões), etc.

CARTILHA DA MOCIDADE

Noções de Higiene e Primeiros Socorros
Educação Moral - Civismo

Publicação autorizada pelo E. M. E. e aprovada pela Diretoria de Saúde da

Capitão MICALDAS CO

Biblioteca de "A Defesa Nacional"

PREÇO Cr\$ 6,00

"Aqui reuniu rápidas lições, fáceis e nítidas, sobre higiene, educação moral e civismo, destinando-as aos alunos principalmente. Este pequeno volume, entretanto, pode ser adotado nas diversas escolas com grande proveito.

Tudo isso sem pompas, verbalismo e frases, num taxe lúcida — sujeito, verbo, atributo — simplificada, afeiçoada à compreensão.

E' um livro oportuno e generoso. Há, no Brasil, cerca de oitenta por cento de analfabetos. Mas, os alfabetados reclamam educação. Aí está o fim deste volume.

ELOY PONTI

"Para leitura do adulto que se alfabetiza não havendo língua nacional nada tão inteligente, tão equilibrado e completo.

... tem-se que salientar a forma — clara, direta, linear — e o método — de um forte poder persuasivo, pois que tudo se desenvolve espontaneamente, com apelo a associações musicais; a substância — sempre do melhor quilate.

Temas delicados e fundamentais, que vêm recebendo tratamento irritantemente inepto por parte dos abusivos empreiteiros da literatura "moral e cívica", surgem na "Cartilha da Mocidade" em termos inteiramente novos, cujas características são bom gosto e objetividade".

UMBERTO PEREIRA

O adestramento do cavalo d'armas

Capitão HUGO M. BETLHEM

(Conclusão)

5.^o R. C. D.

Instrução de equitação de Oficiais

Ficha n.^o 13

Assunto	Ensinamentos
O cavalo d'armas. Objetivos atingir.	<p>O cavalo d'armas, tendo chegado a cumprir o desenvolvimento do trabalho aqui previsto, numa determinada sequência, relativa ao seu adeantamento, sangue, estado, tipo, idade, indole, e, ao adeantamento do cavaleiro, está apto a cumprir qualquer missão, pois está leve, calmo, para a frente e direito, portanto inteiramente dominado e agradável de montar. Desta forma, tendo em vista o <i>campeonato</i>, basta fazê-lo cumprir a reprise prevista, apenas para que o cavaleiro a decore e a compreenda, e não pelo cavalo, que não deve ser rotinado num determinado conjunto de figuras. Tendo em vista o <i>reflexo sobre a tropa</i> verifica-se que o adestramento do cavalo, pela compreensão que o método imprime, é altamente benéfico para o cavaleiro porque lhe permitirá, num relance, sentir os defeitos e deficiências dos cavalos e homens do seu pelotão ou esquadrão, tendo recursos suficientes para os corrigir e melhorar, obtendo assim, que sua unidade seja absolutamente apta, sem esforços dispersivos, a cumprir, com desembaraço, qualquer missão na guerra. Tendo em consideração o <i>salto</i>, importa, porém, dar ao cavalo, além do desembaraço — que vem aperfeiçoando no trabalho no exterior, em atravessar o terreno variado — um adestramento especializado, que lhe faculte maiores recursos, para melhor vencer este terreno, sendo capaz de transportar obstáculos bem sérios que se lhe defrontem, no de-</p>

senrolar de suas missões em campanha, obstáculos esses, que seriam sérios embaraços se não dispusesse desse adestramento especial. Os reflexos desse trabalho serão também altamente benfazejos na tropa, visto como, o cavaleiro no seu papel de instrutor estará apto, pelos resultados colhidos e compreensão da doutrina, a orientar o trabalho dos cavalos e homens sob sua tutela, conquistando sem acidentes, taras e dispersão de esforços, uma unidade apta a acompanhá-lo em toda a linha.

B) Ginástica do salto, para o cavalo e cavaleiro. O salto. Condições que influem na escolha de um bom salteador.

Do que foi exposto depreende-se claramente, que é necessário tanto ao cavalo como ao cavaleiro, uma ginástica especial e bem desenvolvida para que saibam saltar com correção. Esta segue uma orientação gradativa, que permite a ambos sem esforços exagerados e acidentes prejudiciais, atingir a perfeição. Para o cavaleiro, a ginástica começa desde o início de seu trabalho e vai se completando a medida que melhoram as condições de seu assento, que lhe dá a posse das ajudas e absoluta fixidez. Para isto as sessões de posição, onde pelo trabalho sem estribos, sem rédeas, em obstáculos variados, com trabalhos corretivos e flexionamentos especiais, atinge os resultados procurados. Para o cavalo a ambientação progressiva, cada vez mais forte, no exterior, em liberdade, à guia, montado, em que se procura explorar a franqueza, a docilidade, a flexibilidade. Tudo porém, consequência do grau de domínio, atingido pelo adestramento propriamente dito. No trabalho no obstáculo, tem que se levar em conta, a idade, o estado, o tipo, os músculos e os membros. Ter o maior cuidado para evitar taras, acidentes e acuamento. *Não pedir ao cavalo o que ele não pode dar.* Evitar o trabalho em grandes alturas. Confirmá-lo nos obstáculos de terra antes dos de vara. Preocupar-se com a correção do gesto, calma, destreza, respeito ao obstáculo. Torná-lo hábil nos obstáculos combinados e nos obstáculos compostos. O salto é um movimento natural do cavalo. *Qualquer cavalo salta.* No entanto, certas condições, de tipo, sangue e índole, são de grande valor na escolha do bom saltador. Importa não esquecer a questão das andaduras, muito embora, estas tenham possibilidades de ser melhoradas, com o equilíbrio e a im-

pulsão. O salto é uma questão de *força* e *flexibilidade*, daí em princípio, se preferir, um cavalo forte, grande, rústico, sendo certo se afirmar que o exame do tipo do cavalo d'armas e de esporte, deve começar pelos membros. (Aprumos perfeitos, articulações fortes e sadias, tendões robustos e enxutos). Influem no tipo, uma espadua longa e enviesada, um bom balanceiro, um dorso curto, rins fortes e bem enseridos, uma garupa larga e quadrada, posteriores debaixo da massa.

5.^o R. C. D.

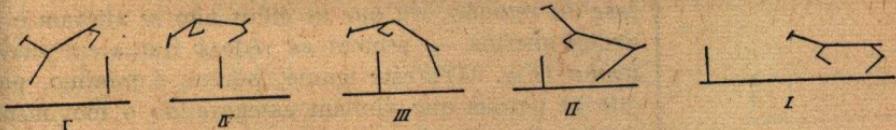
Instrução de equitação dos Oficiais

Ficha n.^o 14

Assunto	Ensinamentos
<p>O salto. Como o cavalo executa o salto. As 5 fases em que se subdivide.</p>	<p>Quanto à maneira pela qual o cavalo executa o salto, será mais fácil compreender, considerando um cavalo que sabe saltar, trabalhando em liberdade no picadeiro, ao galope. No momento em que, galopando calmo e fluente enfrenta o obstáculo, a uma distância razoável, aproximadamente 10 metros, o cavalo muito atento, orelhas apontando para a frente, reune-se sob si mesmo, <i>elevando ligeiramente e esticando para a frente o balanceiro</i>, como a medir os lances que lhes faltam a dar para vencer a barreira. Esta atitude facilita-lhe uma maior liberdade de gestos permitindo-lhe, em geral <i>crescer para o obstáculo</i>, ampliando a andadura sem porém acelerá-la: é a 1.^a fase a que chamaremos de <i>preparação</i> (fig.I). No último lance do galope, o cavalo marca, o salto, dando a última batida com os anteriores no solo. O balanceiro é projetado verticalmente para cima e os posteriores se unem quasi que simultaneamente sob a massa, bem para a frente e se preparam para se apoiar fortemente sobre o chão: esta é a 2 fase que chamaremos de <i>reunião</i> (Fig. II). Em função deste grande engajamento dos posteriores, os jarretes se flexionam fortemente, ao mesmo tempo que os anteriores começam, alternadamente, a se elevar, permitindo que o cavalo venha a se destacar do solo. O balanceiro então se extende violentamente, projetando-se para a frente e para baixo, e os jarretes distendendo-se, como molas, energicamente, arremessam toda a massa para cima: esta é a 3.^a fase que chamaremos de <i>elevação</i>. (Fig. III). Logo que o cavalo deixa o solo, o papel do balanceiro se torna cada vez mais preponderante. Para facilitar a passagem do ante-mão, o cavalo utiliza a inércia do balanceiro: <i>ele o precipita para baixo por um movimento voluntário, e toma apoio sobre a sua inércia, para transformar em força ascensional, o esforço que dispendeu de arremessá-lo para baixo</i>. Esta posição baixa do balanceiro <i>prepara sua nova elevação</i>, a qual, favorecendo a</p>

queda do ante-mão, determina em torno do centro de gravidade do cavalo, o *tempo de báscula* que eleva e faz passar sobre o obstáculo o post-mão. Note-se que esta variação de esforços do balanceiro, é mais notável, pelo fato de se proceder, quando o cavalo não tem mais contacto com o solo e, tão poderosas são, a sua força e efeito, que permitem ao cavalo adestrado e antigo, livrar-se, no alto, da pancada do pincho, com que se tenta alcançá-lo durante as barragens, para efeitos de maior respeito ao obstáculo. E isto ele consegue, apenas, com a ação do balanceiro sem outras forças estranhas. Essa é a 4.^a fase (Fig. IV) que chamaremos de *suspensão* ou *transposição*. Ao se aproximar do solo, o cavalo conduz uma força viva considerável, que precisa amortecer para receber o choque — Isto ele consegue, com o fechamento progressivo e rápido dos ângulos ósseos, que permite o amortecimento sobre os anteriores e, com *elevações do balanceiro para a atitude de origem*, que retarda o momento em que o ante-mão deverá de novo suportar o peso da massa. Na realidade, esses movimentos, são quasi imperceptíveis, em função da velocidade e do espaço em que se realizam, tornando-se *sensíveis*, apenas, aos cavaleiros experimentados e *visível* na projeção cinematográfica lenta. Essa é a 5.^a fase (Fig. V) que chamaremos de *recepção*. A nítida compreensão dessas rápidas variações de atitude do cavalo durante o salto — chamado em linguagem equestre o “*gesto*” — auxiliarão profundamente o cavaleiro no adestramento de seu cavalo, fazendo-o capaz de atingir o que deseja, corrigindo-o oportunamente, evitando insucessos e proporcionando maior rendimento e progresso no trabalho.

Como o cavalo salta:



Nota: — Esta ficha é resultado de demorada meditação sobre os trabalhos de Sevy. Tivemos contudo, o privilégio, de orientados por Garcia de Souza, ver na prática, em longas sessões no “coliseu” da Escola de Cavalaria, (Curso Especial de Equitação) nossos cavalos, descomporem o *gesto*, nessas 5 fases.

5.^o R. C. D.

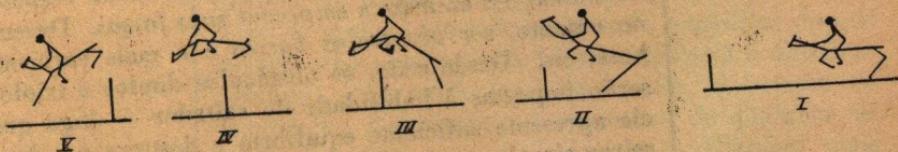
Instrução de equitação dos Oficiais

Ficha n.^o 15

Assunto	Ensinamentos
Como o cavaleiro acompanha o movimento durante o salto.	O salto, pela série de ações combinadas que representa, e pelas bruscas modificações da atitude geral do cavalo, exige que o cavaleiro para poder acompanhá-lo, sem prejudicá-lo, tenha uma grande independência de movimentos, fruto de seu perfeito assento, que lhe dá fixidez e flexibilidade. <i>Quem salta é o cavalo</i> , mas para isto, precisa estar num completo domínio das ajudas, para poder dispor de seu peso à vontade e, ser capaz, de com um mínimo de esforço ultrapassar sérios obstáculos, acrescido do peso do cavaleiro. Considerando o <i>cavaleiro que sabe saltar</i> , vemos que este acompanha o movimento da seguinte maneira: quando vem impulsionando o cavalo, para o obstáculo, suas pernas bem ajustadas e ativas, regulam e mantêm o brilho da andadura; suas mãos garantem o apoio, que deve ser leve — cavalo mascando; — sua posição, inalterável, conserva o alto do corpo para a frente, à vontade, olhar atento na direção do obstáculo, máximo de aderência ao animal. Quando o cavalo se aproxima, <i>tempo da preparação</i> (Fig I), e que levanta ligeiramente o balanceiro, o cavaleiro sem alterar à posição das mãos, o reune nas pernas mais ainda, montando-o no ritmo do galope; com este gesto o cavalo baixa novamente o balanceiro à atitude anterior, indo ao apoio e cresce para o obstáculo até o último lance, em que, fortemente se engaja, projetando francamente o balanceiro para cima: é a fase da reunião, em que as mãos não se alteram e os dedos abertos — sentem as rédeas flutuarem suavemente (Fig. II); este tempo, porém, é mínimo, porque as pernas que vinham assegurando o movimento para a frente, exigem, sem indicar o salto, o prosseguimento do gesto do cavalo, que corresponde á distender as molas, ao mesmo tempo que arremessa violentamente o balanceiro para a frente e para baixo: <i>tempo da elevação</i> (Fig. III). O cavaleiro, estando fortemente fixado à sua montada, por essa mudança

brusca de velocidade, da retenção à distenção violenta das molas, é levado para a frente, indo apenas o alto do seu corpo, que acompanha o movimento. O ângulo dos seus cotovelos, ligeiramente se alarga, os dedos continuam abertos, e, o arremessar do balanceiro, que prossegue para baixo, enquanto o cavalo passa o ante-mão sobre o obstáculo, — *tempo da suspensão ou transposição*, — pode ser feito com o mesmo comprimento de rédeas. Apoiando-se sobre a inércia, o cavalo, em torno do centro de gravidade, determina o tempo de báscula, ao mesmo tempo que eleva bruscamente o balanceiro para conseguir transpor com o post-mão o obstáculo. O cavaleiro ligado ao movimento, absolutamente fixo, precisa manter sua atitude inalterável, impedindo que o alto de seu corpo seja exageradamente projetado para frente pela própria ação da inércia. (Fig. IV). Ao se aproximar do solo, o abaixamento do balanceiro e fechamento dos ângulos osseos, trazem uma diminuição de velocidade, para amortecer o choque da massa, animada de considerável força viva, — *fase da recepção*. — Neste momento, as pernas, do cavaleiro, em absoluta fixidez impedem que se atraze, sentando sobre a sela; seu alto do corpo é conduzido pela inércia a se elevar e baixar em seguida, cabendo ao cavaleiro obrigá-lo a se conservar alto, sem exageros. (Fig. V). As pernas ativas, retomam o ritmo do movimento, logo que o cavalo pousa o ante-mão no solo e, os dedos se fecham, no primeiro lance seguinte, para reuní-lo e torná-lo leve no apoio: “demarrage”. Esta a forma ideal a se alcançar, que só os mais tenazes conseguem, mas que todos devem se esforçar por atingir.

Como o cavaleiro acompanha o movimento durante o salto:



5.^o R. C. D.

Instrução de equitação dos Oficiais

Ficha n.^o 16

Assunto	Ensinamentos
<p>Objetivos a atingir no adestramento do salto. Como deve o cavaleiro se apresentar com seu cavalo em pista.</p>	<p>O cavalo durante o adestramento do salto, através uma ginástica progressiva, deve <i>apresentar um gesto</i>, o mais correto possível. Este gesto se caracteriza pela forma porque o mesmo aborda o obstáculo, se reune, <i>bascula</i>, e aterra, prosseguindo o galope sem precipitação. Desta forma, o cavalo tem que ser conduzido, desde o início de seu trabalho no obstáculo, a enfrentá-lo com calma, bem engajado, balanceiro baixo e a se destacar do solo, com extrema facilidade. Para se conseguir que o cavalo parta calmo, é importante, antes de tudo, como já focalizamos insistentemente, que <i>esteja dominado</i> e, o trabalho de ginástica do cavalo novo, deve ser iniciado ao trote, partindo para o obstáculo de círculos curtos, em andadura bem ritmada e impulsionada. O trabalho ao trote não deve ser motivo de grandes insistências, nem montado nem a pé, visto como, desde cedo, deve-se dar ao cavalo os meios necessários à saltar ao galope, <i>sua forma normal de transpor os obstáculos</i>. E como diz Salins: "um magnífico trabalho ao trote não faz um saltador ao galope". No entanto o salto ao trote, é precioso auxiliar da iniciação do cavalo no obstáculo. Desde cedo, porém, ensinaremos também nossos cavalos a saltarem ao passo, e parados, quer na guia e em liberdade, quer montados. Será esse o grande auxiliar na conquista do maior basculamento. Todo o trabalho em cavalos novos em fase de adestramento, se faz, normalmente, sobre obstáculos fixos, fortes e grossos, barreiras naturais, que <i>imponham respeito</i> ao animal e o animem a <i>empregar suas forças</i>. Devem, no entanto, ser <i>obstáculos baixos</i> e o mais variáveis possíveis. Desde cedo, os obstáculos duplos e triplos serão impostas à habilidade do saltador — logo que ele apresente suficiente equilíbrio e destreza nas barreiras simples — sempre bem faceis e bem armados. O <i>objetivo principal</i> a atingir com o cavalo no salto é, que este sem se preocupar com o tipo ou natureza do obstáculo, parta para o mesmo sem precipitar a</p>

andadura, bem reunido sob a mão do cavaleiro, leve no apoio, balanceiro baixo, e destacando-se sem esforço exagerado, bascule e respeite o obstáculo, chegado ao solo pronto a retomar o galope sem se desorganizar ou precipitar o ritmo e naturaliza da andadura. Logo que o cavaleiro começa a fazer "pistas" com seu cavalo, deve se capacitar que a realiza como em competições, mesmo que aquelas sejam percursos sobre 3 ou 4 obstáculos. Assim procedendo, habituase a conservar a serenidade de espírito e discreção de gestos, indispensável ao êxito em provas hípicas. Qualquer correção será feita sempre, parando primeiro o animal, restabelecendo-lhe a calma e impondo-lhe o corretivo com energia, com violência, mesmo, se for preciso, mas sem raiva céga e descontrolada. Importa sempre lembrar que o erro, pode ser do próprio cavaleiro, ou de uma impossibilidade do cavalo devido seu grão de adiantamento. Para o cavaleiro que entra em prova, qualquer *idéia de luta* com o cavalo, tem que ser excluída.

Todos os seus gestos precisam aumentar de discreção e delicadeza, sendo absolutamente intolerável, mormente em público, correções violentas de sua montada. Daí a importância de criar esses hábitos durante o treinamento. As primeiras vitórias de seu cavalo, deve corresponder um mínimo de demonstrações de orgulho, convencido o cavaleiro, que ainda tem muito a melhorar em seu trabalho para que aquele adquira a classe de um grande saltador. Durante o treinamento todas as correções, são razoáveis — muito embora, como frizamos a brutalidade deva ser sempre posto à margem; — mas ao apresentar o seu cavalo em pista, só há uma preocupação para o ginete: completá-la da forma a mais correta e serena, num mínimo de gestos, numa demonstração magnífica de que seu trabalho obedece uma lógica sequência e objetivos definidos. Se entra em jogo, então, o espírito de competição, despertado por concursos de qualquer espécie, especialmente o Camp. do C. D'armas mais obrigações tem o cavaleiro digno desse nome, de se concentrar em torno dos ensinamentos recebidos. Absoluta disciplina e respeito ao Juri, isenção de comentários desaírosos aos concurrentes, atenção completa à execução de outros mais experimentados, co-

nhecimento perfeito e detalhado do percurso, controle sobre si mesmo para fugir a impressão causada pelo público e pela prova, naturalidade em suas atitudes. Durante a prova, conduzir seu cavalo como durante os treinamentos, bem reunido sob suas pernas, com vontade de vencer, mas pronto a saber perder, se sente que uma exigência maior, constitue exagerado esforço para sua montada. Isto tudo, é parte da educação moral do cavaleiro. Define um completo oficial de cavalaria. E imperioso, também que o cavaleiro nunca se entusiasme demasiado cedo com seu cavalo, e se apresente em provas, enquanto o mesmo não estiver com o domínio e gestos confirmados.

5.^o R. C. D.

Instrução de equitação de Oficiais

Ficha n.^o 17

Assunto	Ensinamentos
Objetivos a atingir no adestramento propriamente dito, visando o Campeonato do Cavalo D'armas.	O objetivo a alcançar com o adestramento é a leveza. Não resta a menor dúvida, cremos, que esta, para o cavalo d'armas, não precisa ter o mesmo grau de fineza que para o cavalo de picadeiro, conduzido pela senda da equitação superior. Mas se a leveza, como diz Faverot "é para o cavaleiro, o índice revelador e infalível do equilíbrio perfeito do cavalo enquanto subsistir sem alteração", à sua procura, tem aquele, que se devotar continuamente. Voltamos entretanto a recordar, que, sendo ela, "um índice de equilíbrio", é resultante do engajamento, que permitindo ao cavalo sustentar o balanceiro por si mesmo, determina a descontração do maxilar. Compreendemos assim que, o cavaleiro, por intermédio dos flexionamentos, em linha réta e com mudanças de direção, — aplicados dentro dos princípios fundamentais que alinhamos na ficha n. ^o 1 — precisa se esforçar, desde a 1. ^a lição, para obter e aprimorar o engajamento de seu cavalo e, conseguir, que ele o mantenha por si mesmo. Fazendo com que seu cavalo permaneça na "frente de suas pernas", preocupando-se em tê-lo, continuamente, réto e calmo, atingirá a grande finalidade que o Gen. L'Hotte sintetizou como ideal do cavalo adestrado: "calme, en avant, droit". Visando o campeonato, o cavaleiro deve evitar no picadeiro, que seu cavalo se rotine na execução da "reprise". Esta é solicitada, à título de verificação do progresso do animal e, para que, o futuro concorrente a conserve de memória. Importa, também, que o cavalo esteja habituado a tabalar em picadeiros abertos, em locais movimentados, sem distrair sua atenção e sem se assustar com coisas estranhas ao recinto, como seja assistência, guarda-sóis, outros animais, etc... Quanto ao cavaleiro, mais que no salto crescem de importância as responsabilidades. Posição o mais elegante e possível natural, justeza de ajudas, cabeça continuamente erguida, - sem olhar para sua montada, - gestos discretos, atenção permanente-

mente alerta, são as condições básicas a uma boa apresentação. Isto, porém, só se consegue, quando, desde a época do treinamento, se conserva essa atitude. Durante esta fase, muitas vezes, o cavaleiro tem que exagerar suas ajudas, especialmente, perna e peso do corpo, empregar o chicote, auxiliar com a voz certas ajudas, lançar meios de flexionamentos a pé e artifícios — como a fucinheira — além de algumas correções enérgicas; mas, logo após obter um determinado resultado deve voltar à atitude primitiva, sempre preocupado em verificar a compreensão do animal e, em conseguir, que ele atenda à ações discretas e se mantenha por si mesmo. O grau de adiantamento do cavalo d'armas, no adestramento propriamente dito, é bem elevado, e trará benéficos reflexos em sua maneira de se conduzir no salto e no exterior. Precisa para cumprir a "reprise" estar em condições de executar certo o seguinte: Partir do alto para o galope em qualquer pé e do galope fazer alto em linha réta, conservando-se imovel, réto e leve; conservar-se em passo livre e aumentar ou diminuir sem precipitação o trote; realizar a piroeta inversa e diréta; executar círculos no galope falso sem perder a impulsão; recuar em passo ritmado.

Bases para uma Lei de Promoções

Biblioteca Militar

Um dos nossos generais, chefe emérito e querido no seio do Exército pela sua rigeza de caráter e grandeza de sentimentos, enviou-nos o trabalho que se segue, com o fito de contribuir com algo, para uma nova e eficás Lei de Promoções.

Tudo que ele diz é certo e meditado e, com certeza, muito influirá no espírito daqueles que forem incumbidos de elaborar o projeto da futura Lei que regulará assunto tão importante, do qual, cabe mesmo dizer-se, poderá depender a eficiência do Exército que elegerá seus chefes, em cada escalaõ, realmente entre os que, pela inteligência, cultura, físico e caráter, forem os mais capazes para exercer a função do ponto imediato.

"A Defesa Nacional" está segura de que as presentes "bases" vão agradar em cheio aos seus leitores. (Nota da Redação).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Sou dos que podem testemunhar a dominante preocupação da C. P. E. em acertar, o seu empenho em fazer justiça, a firme vontade de premiar e estimular valores, em benefício do Exército.

As leis de promoção não lhe tem fornecido meios e não lhe traçam critérios definidos e claros que possam auxiliá-la no seu penoso e ingrato trabalho de escolha e confronto dos méritos dos oficiais.

Se da primeira vez que pertencí à C. P. tive grande satisfação em verificar o esforço, a serenidade e o profundo sentimento de justiça dos seus membros, agora, mais uma vez, tenho a oportunidade de aquilatar os escrúpulos e o veemente desejo dos meus dignos Colegas de não preterirem direitos, nem merecimento dos nossos camaradas.

Da minha parte, só eu sei as dúvidas e direi mesmo inquietações ante a possibilidade de prejudicar oficiais que não conheço e sobre os quais não me chegam informações dignas de fé, e confiança.

Sabemos muito bem os que comandaram e comandam regiões militares as dificuldades em cumprir as exigências das fichas de informações, sobre as quais temos de apôr o nosso conceito relativamente aos

múltiplos aspectos de personalidade dos nossos oficiais que, muitas vezes, conhecemos apenas de vista nas visitas de inspeções, o que nem sempre permite ajuizar do seu verdadeiro valor profissional e técnico, ou dos seus atributos como cidadãos e como soldados.

E como temos de preencher do próprio punho todas as oito casas de dezenas dessas fichas, muitos consignam frases tais como "notável capacidade de ação", "vida militar irrepreensível", "conduta civil modelar", quando em sá consciência não o pode afirmar, pois nem sempre privamos com os comandados, e seria temerário e constrangedor esmiuçar-lhes a vida através de seus próprios camaradas.

Essas fichas, que dão tanto trabalho, e tanto nos podia orientar, não nos fornecem dados e elementos seguros para julgar. Porque o nosso julgamento é assim inseguro e fica, podemos dizer, ao nosso arbitrio, os prejudicados expandem-se por toda parte e alguns deixam transparecer nas suas fisionomias a contrariedade por havermos ferido os seus supostos direitos e pretensos méritos.

Urge — todos nós o sentimos — uma nova lei de promoções.

O nosso devotado Ministro acha-se no firme propósito de dotar o Exército de uma Lei que corresponda aos princípios de justiça e aos altos interesses do Exército.

As bases que apresento fornecem elementos mais positivos e reais, dando-nos a segurança de um critério justo e prático, de um julgamento mais consentâneo com a razão e o bom senso.

Desde cedo são todos julgados não só através do tempo como pela multiplicidade dos seus superiores. Se a média dos conceitos dados, de seis em seis meses, por vários e diferentes chefes não se aproximar do valor real de cada um, não sei que outra forma lograremos para qualificar, julgar e classificar os nossos camaradas.

O processos que preconizamos, estimula todos os oficiais perante os seus chefes, dos imediatos aos mais afastados, e impõe a esses, desde o posto de capitão, o hábito da responsabilidade de julgar, e concorrer para o selecionamento dos nossos oficiais.

Certo não é ela invulnerável à crítica e nem mesmo ao ridículo daqueles que só sabem demolir. E talvez mesmo venha a trazer laivos de tristeza àqueles que tinham assegurada uma carreira rápida. Mas muitos deles preferirão subir pouco a pouco, certos de que os maus elementos, hoje raros, vão descendo e que todos trabalharão satisfeitos

e despreocupados à sombra de uma lei, que lhes não trará nunca dúvidas e surpresas.

DAS PROMOÇÕES

— As promoções no Exército efetuam-se nas seguintes formas:

- a) por escolha, para a de General;
- b) por serviços relevantes ou alta distinção;
- c) por antiguidade melhorada;
- d) por antiguidade.

— A promoção por escolha será feita entre os Coroneis com o curso de E.M. ou Revisão tirado depois de 1920, que ocupem a primeira quinta parte do Quadro e relacionados segundo os princípios desta Lei.

— A promoção por serviços relevantes ou alta distinção será atribuição do Presidente da República que dirá no mesmo decreto da promoção as razões do seu ato.

— A promoção por antiguidade melhorada, a partir do posto de Capitão, será feita por ordem de classificação organizada segundo os princípios desta Lei, que leva em consideração todas as alterações da vida militar do oficial.

— A promoção por antiguidade até o posto de Capitão, será feita segundo a classificação intelectual obtida nas Escolas de origem.

ANTIGUIDADE MELHORADA

— A classificação do oficial em cada posto da arma ou serviço a que pertença, será feita pelo computo dos pontos obtidos nos graus de merecimento, antiguidade e punição; os dois primeiros positivos e o último negativo.

— O grau de merecimento será avaliado pela soma das médias dos pontos provenientes:

- a) do conceito geral dos superiores;
- b) do aproveitamento nos Cursos ou Escolas;
- c) do conceito da C. P. E.

— O grau de antiguidade será avaliado pela soma dos pontos provenientes:

- a) do tempo efetivo do oficial, desde Aspirante;
- b) do tempo efetivo do oficial, no posto;
- c) do grau de merecimento no quadro de classificação anterior.

— O grau de punição será avaliado pela soma dos pontos negativos provenientes:

- a) das transgressões disciplinares;
- b) das penas criminais.

CONCEITO GERAL DOS SUPERIORES

— Os oficiais, a partir do posto de 1.^º Tenente, que estejam compreendidos na primeira metade do seu quadro, serão qualificados pelos Comandantes, Chefes ou Diretores, sob cujas ordens servem, por um conceito expresso em graus, da seguinte forma:

Mau	0
Regular	1
Bom	2
Muito bom	3
Ótimo	4

Os Comandantes ou Chefes diretos do oficial são obrigados a emitir o conceito do presente artigo.

Entende-se por Comandantes ou Chefes diretos do oficial, todos os Comandantes ou Chefes das unidades, secções ou dependências do corpo, diretoria ou estabelecimento a que o oficial está subordinado.

(Em um R.I., por exemplo, o Tenente receberá os graus de conceito dos Comandantes da Cia., de Btl., Sub-Cmt. e Cmt. do Regimento. — No mesmo R.I. o Capitão Cmt. da Cia. receberá graus de conceito dos Comandantes do Btl. e do Regimento).

— Os Comandantes ou Chefes dos escalões superiores, emitirão grau de conceito sómente quando tenham observação própria do oficial.

— No grau de conceito deve ser apreciado o oficial, sob todos os aspectos — profissional, moral, intelectual, pela sua resistência física, na sua conduta pública e na sua vida privada.

— Os julgamentos dos Comandantes ou Chefes são enviados pela Secretaria do corpo ou estabelecimento aos Comandantes imediatos (Cmts. I.D., A.D., Diretores de armas e serviços e Cmts. da Região), conforme o caso. As duas últimas autoridades remeterão os julgamentos à C. P. E.

— A documentação de que trata o período anterior é enviada duas vezes por ano — a primeira até o dia 15 de janeiro, e a segunda até 1.^º de julho — para as promoções do 1.^º semestre (21 de abril e 11 de junho) e do 2.^º semestre (25 de agosto e 15 de novembro).

— O grau de conceito geral dos superiores, consignado no quadro de classificação, será a média de todos os graus de conceito obtidos pelo oficial.

— A média de que trata o período supra será tirada pela Secretaria da C. P. E. que comunicará ao seu Presidente todos os casos de julgamento evidentemente contraditórios.

§ 2.^º — Entende-se por julgamento evidentemente contraditório aquele que diferir da média dos demais julgamentos de dois ou mais pontos.

APROVEITAMENTO NOS CURSOS OU ESCOLAS

— O grau de aproveitamento nos cursos ou escolas, consignado no quadro de classificação, será tirado de acordo com os pontos constantes do quadro abaixo:

NAS PROMOÇÕES PARA OFICIAL SUPERIOR

Resultado obtido :	E.E.M.	E.T.E.	E. Armas	Outras Escolas ou Cursos
Muito bem	3	2	2	1,5
Bem	2	1	1	1
Regular	1	0	0	0,5
Reprovado	0	— 1	— 1	— 0,5

— § único — No quadro de classificação será computado sómente os graus dos cursos mais valorizados.

CONCEITO DA C. P. E.

— O grau de conceito da C. P. E. consignado no quadro de classificação será obtido da média dos graus fornecidos por dois relatores, os quais, pela impressão resultante da leitura dos assentamentos do oficial — (elogios, serviços de campanha, funções exercidas, etc.) julgarão por um conceito expresso da seguinte forma:

Mau	0
Regular	1
Bom	2
Muito bom	3
Ótimo	4

— O grau de conceito emitido pela C. P. E. é absolutamente sigiloso, bem como o emitido pelos Comandantes ou Chefes.

— Deverá influir no grau de conceito da C. P. E. a situação dos oficiais compreendidos no artigo da Lei que fala em julgamentos evidentemente contraditórios.

TEMPO EFETIVO DO OFICIAL

— O tempo efetivo do oficial consignado no quadro de classificação computado desde Aspirante, equivalendo cada quinquénio de serviço — um ponto, e cada 6 meses a mais — um décimo de ponto.

TEMPO EFETIVO NO POSTO

— O tempo efetivo no posto será avaliado da seguinte forma:

Menos de 6 meses 0,25 pontos;
 Seis meses ou mais 0,50 pontos;
 Um ano 0,75 pontos;
 Mais de um ano (diretamente proporcional ao critério acima).

TRANSGRESSÕES DISCIPLINARES

— As transgressões disciplinares serão avaliadas por dois relatores da C. P. E., que separadamente julgarão por pontos negativos, da seguinte forma:

Faltas que afetem gravemente a personalidade do oficial: dois pontos por falta;

Idem, levemente: um ponto por falta;

Idem, que a não atinjam: zero ponto por falta.

A C. P. E. aprovará ou modificará o julgamento dos relatores.

PENAS CRIMINAIS

— As penas criminais serão julgadas da mesma forma que as transgressões disciplinares, variando sómente o número de pontos que oscilará entre 10 e 1.

QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO

— O quadro de classificação deve ser organizado de acordo com o modelo constante do anexo 1.

— O número de oficiais contemplado para a classificação deve ser, em cada arma ou serviço, a soma das promoções nos dois anos anteriores. O quadro de classificações deve ser renovado antes que as promoções alcancem os que estejam no último quarto, os quais serão novamente cotejados.

— Não figurará no quadro o oficial que tiver um grau de merecimento inferior a um (1), devendo ser reformado aquele que durante três anos não conseguir este grau.

(Quadro a seguir)

ABRINDO O DEBATE

A Revisão do Regulamento de Infantaria

Pelo Ten. Cel. T. A. ARARIPE

O Autor dêste artigo é um nome por demais conhecido no Exército, para ser por nós apresentado. Basta que se recorde o que êle fez na Escola de Sargentos de Infantaria.

Na E.S.I. teve início a formação racional dos nossos inferiores. Os sargentos que de lá saíram, depois de um curso aprimorado, foram espalhados por todo o Brasil, difundindo os conhecimentos que tinham adquirido e facilitando, notavelmente, a tarefa dos instrutores.

Pelo trabalho do então capitão Araripe, e dos seus prestimosos auxiliares, começou a aparecer uma documentação escrita que, sofrendo modificações impostas pelo evolver da doutrina, está sendo utilizada até hoje.

Não só na E.S., I. deixou o Ten. Cel. Araripe traços indeléveis da sua passagem. Na Escola Militar e na Escola de Estado Maior, — na primeira, como Diretor do Ensino Militar, e, na segunda, como professor de Tática Geral e Diretor de Ensino, mostrou, provadamente, que são vastos e profundos os seus conhecimentos da arte bélica.

Por tudo isto, ninguém melhor do que êle poderá abrir debate a tão palpitante assunto, esperando A DEFESA NACIONAL que os mestres na matéria tragam a sua contribuição, assim de cooperar com a comissão escolhida, em bôa hora, pela Diretoria de Infantaria. (Nota da Redação).

INTRODUÇÃO

A afirmação de NAPOLEÃO de que a tática mudava de dez em dez anos, embora continue preceituando a mutabilidade dos processos da guerra, tem sido francamente ultrapassada pela realidade da evolução da arte militar. Os processos modificam-se de dia para dia, de momento a momento, envolvidos pelo aperfeiçoamento vertiginoso da Técnica moderna.

A própria experiência da Guerra, que ratifica e impõe verdades inconcussas, longe de ser elemento cris-

talizador da "doutrina militar", é fator dessa evolução contínua, através das profundas meditações que sugere e da busca de aperfeiçoamentos que incrementa. E a medida que se vai distanciando no tempo, essa experiência ou cai, muitas vezes, no domínio do esquecimento, enquanto novas idéias, novas fórmulas e verdadeiros artifícios lhe tomam o lugar ou, então, se apresenta interpretada sob aspectos diversos, por isso que a "resurreição do passado" só se consolida definitivamente quando se analisa, com o espírito frio, todas as informações e todos os depoimentos dos participantes da luta.

Nessa evolução ininterrupta, os próprios Regulamentos são ultrapassados. Na maioria das vezes, os processos imaginados e ensaiados, bem como os materiais postos em uso, alcançam fôros de cidade muito tempo antes de serem incorporados aos Regulamentos.

A própria doutrina oficial não se enclausura nas fórmulas rígidas e, de algum modo, estacionárias dos textos regulamentares. As idéias novas, estudadas e postas em prática nos centros de estudo ou de experimentação, assumem caráter oficioso e como tal são aceitas em todos os meios de concepção e de execução. Dêsse modo, aqueles textos, modernizando-se, apenas sancionam uma situação de fato.

Em todos os Exércitos os Regulamentos são atualizados de tempo em tempo. Mesmo essa consagração oficial das mudanças se vem fazendo em prazos menores do que decênios da afirmação napoleônica.

Não é, portanto, de extranhar que se imponha a necessidade de atualizar o nosso R.E.C.I., cuja última edição tem oito anos de vida. Quanto mais não seja, a necessidade de nova impressão para suprir a edição já exgotada constitue motivo bastante para retoques e aperfeiçoamentos, que podem muito naturalmente chegar à atualização, isto é, até a acomodação às noções e processos firmados nos últimos tempos.

Assim compreendeu a Diretoria de Infantaria, pondo, sem tardança, mãos à obra de revisão,

Esse trabalho, confiado a uma comissão de oficiais bastante credenciados e com grande trato dos pro-

blemas de emprêgo da arma, poderá ser grandemente beneficiado com a colaboração dos camaradas, que, por terem meditado sobre o assunto, por terem praticado todas as minúcias da técnica da infantaria e por terem experimentado os materiais modernos, possam sugerir idéias que permitam melhor adaptação do nosso Regulamento aos progressos da Técnica e às contingências particulares ao caso brasileiro.

A dar o exemplo, aqui estamos para abrir o debate.

Desta feita, vamos considerar a discussão sob quatro grandes rúbricas:

- as características da arma;
- o armamento;
- a organização;
- os processos de emprêgo.

I — CARACTERÍSTICAS DA INFANTARIA

Todos os exércitos admitem, sob formas várias, que o papel da Infantaria no combate continua sendo capital, tanto na ofensiva como na defensiva.

Diz-se na Alemanha: é a Infantaria que no combate, provoca a decisão. A atividade de combate de todas as outras armas deve ser regulada de maneira a facilitar-lhe a tornar-lhe possível o sucesso".

Na ITALIA: "a Infantaria é, por excelência, a arma nobre". Por ela fazem-se os maiores sacrifícios e tende-se para dotá-la de todos os meios necessários à sua manobra ofensiva ou defensiva e, em qualquer caso, a ela se subordina a ação das outras armas.

O JAPÃO quasi que só conta com a sua ardorosa e bem aparelhada Infantaria.

Nos ESTADOS UNIDOS, diz o Diretor da Infantaria: "aos que consideram não ser mais a Infantaria o elemento principal, a base dos futuros combates, respondo que os engenhos e outros meios dados como substitutos da Infantaria — carros, produtos químicos, etc., são meios de que ela se utiliza no cumprimento

de sua missão. As outras armas podem aumentar a sua capacidade, mas não na substituem".

Na FRANÇA, a nova regulamentação mantem o velho axioma: "cabe à Infantaria a missão principal no combate", porém acentúa que ela não combate isoladamente e que, pelo contrário, atúa em intima ligação com as outras armas.

Vê-se aí a preocupação de caracterizar que não ha um combate de Infantaria pura e simplesmente. Só admitindo o combate com grande quantidade de material (canhões, munições, engenhos blindados, armas, anti-blindagem, obstáculos, organizações completas, etc.), a atual regulamentação francesa riscou do seu texto os §§ 2.º e 3.º do n. 15 da II Parte do R.I. 1928, em que admitia a possibilidade de "a infantaria realizar uma progressão profunda, com o armamento próprio, quebrando as resistencias locais (descontínuas e com fogos mal ajustados), mesmo quando lhe falte em parte o apoio da artilharia ou dos carros", ou quando dizia: "Em certas zonas, as outras armas, particularmente a artilharia, não podem atirar ao mesmo tempo que a Infantaria, quer por considerações de segurança, quer por causa do terreno. Nessas zonas, compete à Infantaria executar o combate com seu próprio armamento, reduzir por si só as resistencias que se opõem de maneira imediata à sua progressão (R.E.C.I., 2.ª Parte — n. 9).

Ao mesmo tempo, desapareceram as expressões, tidas como universalmente consagradas: "arma fundamental"; "arma completa, unica" capaz de combater em todos os terrenos e com qualquer tempo, de noite ou de dia; "é a rainha das batalhas e a base das combinações do comando". (R.I. 1928 — II Parte — n. 14 e 16 e R.E.C.I. — 2.ª Parte — ns. 8 e 13).

Essa concepção radical cria a mentalidade de uma infantaria que aguardará sempre pela artilharia e pelos carros para resolver as situações que se lhe defrontam".

Será essa mentalidade conveniente ao caso particular da nossa infantaria na situação atual?

Temos algumas dúvidas.

O Cel. TOUCHON, discutindo em suas Conferências o valor do fogo ofensivo da Infantaria, afirmava: "O fogo ofensivo da Infantaria é possível; é necessário; serve para alguma coisa.

"E' porem suficiente?

Suas deficiências são numerosas e graves; as balas das metralhadoras nada podem contra os muros, os concretos, os parapeitos e mesmo as modestas blindagens; o tiro ofensivo, improvisado após curta fase inicial, perde prontamente todo o valor à noite e torna-se difícil nos bosques, enquanto o defensivo amarrado conserva nos dois casos respeitável potência.

"Outrosim, quando a Infantaria fica entregue aos próprios recursos — o que acontece mais frequentemente do que se deseja — é normal que fique, mais cedo ou mais tarde mobilizada.

"Por isso o fogo da Infantaria não pôde deixar de constituir uma parte do "**fogo unico**" ofensivo, de parceria com o da Artilharia. Na sinfonia em que tomam parte, o canto caberá ora a um ora a outro, conforme seja o combate um assalto brutal à forte resistência ou luta mais atenuada e menos suscetível de regulamentação minuciosa. Nos dois casos, dominará a necessidade de coordenar os elementos desse fogo unico, a necessidade da ligação artilharia-infantaria".

Porém o próprio Coronel TONCHON nos cita vários casos de 1918 em que a Infantaria, sem nenhum apoio da Artilharia, conseguiu com o seu fogo resultado completos.

No nosso caso particular, a fraca dotação de artilharia e de carros, as frentes a guardar ou a conquistar, as dificuldades de estradas, os meios também precários do adversário, farão com que não se possa contar sempre com a artilharia e os carros.

Por isso, embora se coloque em grande destaque a **imperiosidade de só se empregar a Infantaria poderosamente apoiada e protegida pela Artilharia, pelos Carros e pela Aviação para romper resistências sólidas**, convém manter a idéia de que ela deve poder desembocar-se por si mesmo de situações difíceis, especiais mas também normais e possíveis.

Daí o nosso entender de que devemos conservar o liberalismo do n.º 9 do nosso R. E. C. I.^a 2.^a Parte e não aceitar, portanto, a idéia radical do R.I. francês de 1939.

A nossa Infantaria, sem esquecer a necessidade e o valor da cooperação das outras armas e treinada em atuar em ligação íntima com elas, precisa habituar-se a retirar todo o proveito do seu armamento e dos seus processos de combate, atuando como se não existisse o auxílio daquelas. Não deve esperar sempre e tudo delas.

Acresce que toda a evolução do armamento da Infantaria tende para maior capacidade ofensiva. É o caso, então, de explorarmos essa tendência para dotarmos a nossa Infantaria de meios que lhe garantam relativa independência.

Não haverá nenhuma desvantagem nessa tendência.

Muito pelo contrário, é sempre mais fácil conter o ardor ofensivo e exigir uma atitude defensiva, do que pretender transformar hábitos de defensiva passiva em capacidade agressiva e manobreira.

Por outro lado, essa característica ofensiva da Infantaria tem repercussão sobre o seu moral ou é uma consequência deste.

Haja exemplo o JAPÃO. O seu exaltado patriotismo justifica a sua doutrina resolutamente ofensiva. Por isso, a sua Infantaria é organizada e armada para bastar-se a si mesma. A RUSSIA, embora nas guerras passadas o seu soldado tenha mostrado temperamento mais defensivo do que agressivo, o seu Regimento de Infantaria é organizado para bastar-se a si mesmo.

Se em relação à Artilharia é possível, na maioria das vezes, contar com o seu auxílio, o mesmo não se dará com os carros de combate. Ainda por muito tempo deveremos considerar a intervenção dos carros como excepcional, entre nós, por ser pequena a quantidade desses engenhos que poderemos dispôr, tudo ao contrário dos exércitos europeus em que a combinação Infantaria-Carro-Artilharia é normal.

Outro aspecto que interessa ao nosso caso particular diz respeito ao terreno e à infiltração. Os gran-

des espaços, a necessidade de economizar material e munições aconselham-nos a tirar maior proveito do terreno e das vantagens da infiltração. A êsse respeito, é conveniente que tenhamos em conta, para a redação do nosso Regulamento, a contraposição que os Alemães fizeram aos processos ofensivo da Infantaria francesa.

Os alemães visam grande espirito ofensivo graças à rapidez da concepção e da execução, ao desenvolvimento do julgamento, da iniciativa e da instrução, obtido mesmo nos postos subalternos. Censuram os Francêses por basearem a sua técnica de ataque na superioridade do fogo, por serem demasiadamente sistemáticos, por terem horror às situações imprevistas, por quererem manobrar com as trajetórias em vez de com tropa, por terem soldados e quadros subalternos sem iniciativa. "Na FRANÇA, escrevem ,o fogo conquista, a Infantaria segue. A iniciativa dos chefes de todos os postos é, em comparação com as tarefas correspondentes, muito limitada. O esquema desempenha grande papel entre os Francêses. Por uma rápida ação de nossa parte (durch schereller zupacken) devemos disso tirar partido". (Resumo de Conferências dos Cmts. MAF-FRE, e FRÉNOT, Re. d'Infe. Fev. 1936).

Entretanto, se a nova Regulamentação francesa insiste sobre o método e a prudência com que devam ser montadas as operações, não é menos verdade que empresta grande importância ao movimento, à infiltração. São do texto de 1939 essas palavras: "Levar sempre e cada vez mais para a frente os seus meios de fogo, pelos lugares onde fôr possível o movimento, eis a preocupação constante que deve ter a Infantaria".

Ainda mais, em sua recente "Nota sobre a Instrução para 1939", o Generalíssimo francês insistia na necessidade de desenvolver na Infantaria o "senso da infiltração" e de acentuar o seu "amor pelo movimento para a frente".

E os comentadores do Regulamento de 1939 opinam que a nova organização do Batalhão francês proporciona à Infantaria francesa possibilidades de progressão que antes não possuia e que esta deve saber

tomar essa oportunidade “pelos cabelos” para explorá-la sempre que se apresente.

Quer-nos parecer, portanto, que, ao lado da superioridade do fogo, a nossa Infantaria deve caracterizar-se pelo “senso”, pelo “amor” e pela “capacidade” da **infiltração**, capazes de permitir ao próprio fogo o máximo efeito e de tirar do terreno o máximo proveito.

Ora, se considerarmos que a infiltração exige, na maioria dos casos, seja o terreno totalmente inundado de homens e que a mór parte dos caminhamentos sejam aproveitados, somos levados a pensar que essa circunstância talvez aconselhe maior efetivo em homens, para os reconhecimentos e proteção do movimento.

Ainda mais, o “**o choque**”, hoje ressuscitado, como modo de ação da Infantaria, exige pessoal mais numeroso do que o indispensável ao manuséio das armas de fogo, pois, aí a massa é fator do sucesso.

Por outro lado as frentes largas, com partes menos ativas do que outras, com intervalos que devem apenas ser guardados, as necessidades da vigilância, da observação, da ligação e das fachinas de toda a ordem são, ao nosso ver, elementos que nos levam a pensar em um efetivo em homens dentro de cada unidade, maior do que as das organizações européias, em que há desproporção entre o grande número de unidades e os recursos limitados das populações mobilizáveis.

Em resumo, quanto às características da Infantaria, convirá que pesemos bem:

- a maior capacidade ofensiva;
- a necessidade de bastar-se a si mesma, em várias situações;
- maior busca da infiltração e melhor aproveitamento do terreno;
- efetivo em homens um pouco maior do que as organizações europeias.

II — ARMAMENTO E MATERIAL DA INFANTARIA

Em todos os exércitos grupa-se o armamento em:

- **armas leves** (levadas por um só homem);

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

A DEFESA NACIONAL tendo em vista facilitar a aquisição de livros, não só militares como a de qualquer outros, vende nas livrarias do Rio de Janeiro, introduziu na sua biblioteca o serviço de **ENTREGAS DE ENCOMENDAS CONTRA REEMBOLSO.**

Para isso os livros solicitados e em qualquer quantidade serão remetidos ao destinatário sendo a respectiva entrega feita mediante pagamento da importância à agência postal localidade.

O porte, registro e as despesas relativas do SERVIÇO POSTAL DE ENCOMENDA CONTRA REEMBOLSO correm por conta da Biblioteca sendo incluídos no preço do livro.

A toda encomenda acompanhará a respectiva fatura.

Para facilidade do serviço os pedidos devem ser feitos em ficha para esse fim destinada.

RÁVIGO DE REEMBOSO POSTAL

RA REEMBORSO. quando o cliente é assunto a reembolso.

O bote, leigado e as garras de ferreias do SERMAGO

ESTADO DE ENCARNACIÓN CONTRA REINOSO CORTE

no bot could as Billiegreen sende messages to bridge yo selfo.

A good economic analysis requires a reasonable interpretation of the data.

Para a realização do serviço os bairros devem ser listados

PEDIDO

À Biblioteca de A Defesa Nacional

Caixa Postal 1602 - Rio de Janeiro



Em / /

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO *queiram*
enviar-me os seguintes livros :

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

— armas pesadas (de compostas em fardos para o transporte, colocadas sobre rodas ou viatura); havendo ainda nas duas categorias:

— armas de tiro tenso;

— armas de tiro curvo;

Devemos considerar o valor desse armamento:

— na ofensiva;

— na defensiva.

Na ofensiva

As armas de tiro tenso tem sofrido aperfeiçoamentos de valia e entre elas, o fuzil metralhador já conseguiu ombrear com a metralhadora em eficácia nas médias, distâncias, sem prejuízo da mobilidade indispensável, como arma do escalão de fogo.

Esses aperfeiçoamentos levam a pensar-se em igualar os F. M., munidos de reparo estável, às metralhadoras pesadas do mesmo calibre.

Diz Currus na "Revue d'Infanterie" de Maio de 1939: "O fuzil-metralhador 1924-29, só por si mesmo, provoca outra consequência. Por suficiente que fosse a Mtr. Hotchkiss, calibre 8, só apresentava modestas vantagens balísticas sobre o F.M. Daí o indagar-se: por que carregar 50 kgs. quando se poderá ter mais ou menos o mesmo resultado com cerca de 9 kgs. e seguramente maior resultado com 5 armas de 9 kgs.? Por isso a Mtr. estava condenada a desaparecer ou a tornar-se mais poderosa. Inúmeros argumentos militam a favor da segunda solução: possibilidade de obter-se efeitos de perfuração contra blindagens pouco espessas, eficácia anti-aérea maior, trajetória mais rasante, o que permite aumentar a profundidade das posições defensivas. Os estudos empreendidos com esse espírito permitiram realizar tipos de novas metralhadoras, que atualmente estão realizadas".

Felizmente para nós, o Fuzil-Metralhador Madsen, que adotamos, reúne as propriedades exigidas a uma arma de 1.º escalão e a arma mais estável e mais potente do escalão de apôlo (base de fogos).

Essa situação de Metralhadora-única simplificará a controvertida questão da centralização e descentralização das metralhadoras, porém cria o problema da diferenciação das companhias de fuzileiros e de metralhadoras armadas com a mesma arma.

Em relação à metralhadora, tornada mais potente, cuida-se de dar à unidades aparelhagem e instrução condizentes com os tiros especiais (a grande distância, mascarados, por cima da tropa, aéreo, contra blindagem, etc.), como veremos nos ítems sobre organização e emprego.

Cabe ainda lembrar a tendência de dar, pelo menos aos graduados, o fuzil automático, a pistola automática e a pistola metralhadora, para reforçar a ação do escalão nas pequenas distâncias.

Mas é apontada como essencial a uniformidade de munição para todo esse material.

Ao lado do aperfeiçoamento das armas de **tiro tenso**, convém ressaltar o predomínio adquirido nos últimos anos pelas **armas de tiro curvo**, no tocante às necessidades da ofensiva. Do papel secundário e inicial de engenho de acompanhamento suplementar, **as armas de tiro curvo**, bocal, lança-granada, pequeno morteiro, médio, etc., elevaram-se à dignidade de armamento específica e fundamentalmente ofensivo da infantaria, enquanto o fuzil-metralhador e a metralhadora, tomam cada vez mais o caráter especificamente defensivo.

Quasi todas as infantarias estão dotadas de sistema harmonioso e bem adaptado de armas de tiro curvo: — nas distâncias muito curtas e antes da abordagem intervém as granadas de mão dos grupos de combate; o lança-granada de pelotão pode atuar nas pequenas distâncias, o morteiro de companhia nas distâncias médias e o morteiro de batalhão nas grandes. Qualquer resistência inimiga que tenha escapado à ação da artilharia, dos carros e da aviação será tratada por essas armas de potência crescente.

Dêsse modo, maior dotação de armas de tiro curvo imprime à infantaria maior capacidade ofensiva; permite-lhe, em grande número de casos, bastar-se a si mesma.

Ha quem objete contra a diversidade de calibres e a complexidade de remuniciamento, principalmente quanto ao morteiro de companhia.

Cremos, porém, que as armas de tiro curvo, preciso, potente e fácil, economizam metralhadoras e sua munição; economizam munição de artilharia; permitem aos chefes de pequenas unidades de infantaria maior capacidade de manobra; economizam o tempo para vencer resistências de pequeno vulto; são indispensáveis, principalmente, o morteiro leve de companhia e o lança-granadas, ao combate dos últimos 200 ms.

Além do mais, são armas rústicas e de fácil fabricação e de manejo simples.

E', na opinião corrente, fundamental que a infantaria disponha de grande quantidade dessas armas e com a gama correspondente aos escalões e às necessidades (Btl., Cia. e Pel., morteiro médio, morteiro leve e lança-granadas).

A defesa anti-engenhos blindados é muito cuidada em todos os países. Adotam-se o canhão anti-carro, o próprio carro e eventualmente metralhadoras de calibre avantajado. Não há nenhuma divergência a respeito salvo quanto a maior ou menor dosagem desses materiais.

A defesa anti-aérea nas unidades de infantaria ainda não está cabalmente resolvida, pois, em regra não se tem uma arma especialmente destinada a essa tarefa. Contam uns fazê-la com as próprias Mtr. ou os F.M. da defesa terrestre, e outros com as armas anti-engenhos blindados.

A nosso ver, não será demais que a infantaria disponha de uma arma destinada ao tiro contra aviões que voem baixo e dispondo portanto de aparelhagem e processos de tiro apropriados. A solução de ter uma mesma arma que sirva para o tiro anti-blindagem e o tiro aéreo, embora sedutora por ser econômica, apresenta impossibilidades decorrentes da técnica de construção e o inconveniente do provável sacrifício de uma das duas tarefas quando se impuzerem no mesmo momento.

Além desses aperfeiçoamentos do armamento, é preciso considerar:

- o remuniciamento (carrêta de munição blindada e para qualquer terreno);
- a aparelhagem de tiro, de observação e de transmissões;
- os trens de combate e de aprovisionamento, material êsse que se aperfeiçoa dia a dia, adaptando-se às necessidades da arma.

Na Defensiva

Em todos os exércitos, a infantaria está melhor armada para a defensiva do que para a ofensiva.

A razância das armas automáticas e a quantidade dessas armas permitem criar barreiras de fogos de difícil transposição, desde que seja respeitada a proporção entre a frente a manter e o número de armas automáticas a isso destinadas. As armas de tiro curvo completam e reforçam essa barreira.

Em resumo, será preciso atender:

- ao predomínio das armas de tiro curvo para a ofensiva;
- ao aperfeiçoamento do F. M. que é igualado à Mtr.;
- ao aproveitamento da Mtr. com calibre maior ou um canhão para missões anti-aérea, contra blindagens e tiros mais profundos;
- ao remuniciamento por meios mecânicos; etc.

(Continúa)

O Combate das Pequenas Unidades

Dois jovens tenentes — ANTONIO DE BARROS MOREIRA e OSCAR JERONIMO BANDEIRA DE MELO —, traduziram um excelente trabalho do Cmt. GERIN. Estou certo de que todos os nossos leitores irão apreciar devéras o presente artigo que prestar-lhes-à eficás auxílio, quando tiverem que resolver situações táticas semelhantes.

“A DEFESA NACIONAL” felicita os dois esforçados tradutores que, aproveitando as horas de folga do labor quotidiano, empregaram-nas produzindo algo de interesse coletivo do Exército.

EXERCICIO N.^o 1

O BATALHÃO NO ATAQUE

I — FIM DO EXERCICIO

- 1.^o) Estudar o dispositivo inicial de ataque dum Btl. enquadrado.
Em função:

- da missão recebida,
- do terreno e da situação,
- dos meios postos à disposição do Btl.

- 2.^o) Demonstrar qual deve ser a ação do Cmt. do Btl. no emprêgo dos meios de fogo que não pertencem às Cias. de Fuzileiros.
Base de fogo inicial, sua constituição e fim.

Deslocamento da base de fogos.

Centralização da direção dos fogos pelo Cmt. do Btl.

Emprêgo da Artilharia de Apôio Direto.

II — ESCOLHA DO TERRENO E DO TEMA

I — Terreno

Cristas paralelas mais ou menos distantes uma das outras, prestando-se bem à demonstração do princípio e do funcionamento da base de fogos. O terreno é escolhido sobre o plano diretor de Vauthiermont na escala de 1/10.000 (sem organizações); é representado em relevo sobre a caixa de areia na escala de 1/2.500; o

diretor verifica, antes do exercicio o plano relevo assim realizado e cuja confecção confiou ao Cabo secretario do centro de aperfeiçoamento.

Supõe-se que êste exercicio seja o primeiro dos consagrados a uma tal demonstração; quando o essencial deste estiver compreendido, convirá escolher, para exercicios seguintes, terrenos menos fáceis onde a aplicação do principio da "base de fogos" exigirá adaptações mais ou menos dificeis, exercitando-se assim o reflexo. E' esta aplicação dum processo de instrução essencial e geral: preliminarmente convencer o fundamento do processo preconizado e fazer compreender o mecanismo fundamental, e, sómente, após ter se atingido o primeiro resultado, é que devemos exercitar, em seguida, os reflexos na pratica desse processo, por meio de aplicações de dificuldade crescente.

A penuria de P. D. não será um obstaculo para a pratica de exercicios desse genero. Com efeito: O Serviço Geografico tem oficinas destes planos e com um ou dois bem escolhidos (terreno medianamente acidentado e coberto) poder-se-à elaborar um numero indefinido de exercícios; (é preciso ter-se na coleção, pelo menos um plano Diretor com organizações francesas e alemãs.

2.º TEMA

Batalhão enquadrado, numa situação muito simples (ataque direito pela frente), mas comportando uma manobra pelos fogos.

- Evitar toda complicação dos dados do problema.
- Dar ao Cmt. do Btl. meios de fogos poderosos, afim de obrigar a servir-se dêles, afim de ressaltar a demonstração que se pretende fazer.
- Abandonar todas as prescrições que forem indispensáveis a uma ordem completa, porém inuteis para a demonstração procurada que, complicando a questão, prejudica a realização do resultado a que propoz chegar. O tema comporta assim:
 - A definição duma situação geral muito simples (ambiente).
 - O estabelecimento da questão, por meio duma ordem de ataque reduzida a seus elementos essenciais (Cmt., missão, meios).

TÉMA DO EXERCICIO

Situação (de conjunto) Geral

Após ter rompido o "front" inimigo na linha geral X, Y, Z, forças de Este atingiram ao cair da noite do dia 13 de Novembro, o riacho S. Nicolas, sem contudo poderem ultrapassá-lo; reservas inimigas tiveram tempo de guarnecer a margem ocidental deste riacho, que apecar da ausencia de posições organizadas, poderam no entanto, deter as vanguardas assaltantes.

O Cmt. das forças de Este, aciona suas unidades de reserva, afim de substituir as tropas que se esgotaram na execução do primeiro ataque e ordena, para 14 de Novembro, um ataque à posição onde o inimigo se aferrou.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Um Batalhão I. pertencente a uma das divisões de reserva, logo após ter executado a substituição, ocupa a frente compreendida entre o "Moinho Velho" (cota 366-SE. Angeto) e cotovelo do riacho, na cota 362 I.

O Btl. está enquadrado; tem a composição normal; possue a dotação completa em efetivo; e está muito bem instruído e descansado. O Cmt. do Btl. no seu P. C. à extremidade setentrional da estação VAUTHI-ERMONT, recebe do Cel. Cmt. à meia noite de 18 de Novembro, uma ordem, cujo extrato é o seguinte:

- Reiniciar o ataque às 7h,15m para quebrar a resistência inimiga sem lhe deixar oportunidades de reforçamento.
- Não haverá preparação de Art.
- O (tal) Btl. enquadrado terá por direção de ataque o bosque "Le Sang".

OBJETIVOS SUCESSIVOS

Crista 382 I entre o riacho S. Nicolas e o riacho L'Etang — crista SO do bosque Tremblée — bosque Le Sang.

LIMITES DA ZONA DE AÇÃO

Ao N., a linha que passa pelo Moinho Velho, ponta SO do bosque La Tremblée, ponta N. do bosque Le Sang.

Ao S., a linha passando pelas cotas 362 I — 382 I — 378 ponto 4 — e a ponta S. do bosque de Le Sang.

APOIO DA ARTILHARIA

- a) O (tal) Btl. dispõe inteiramente de um grupo de apôio direto cujo Cmt. estará a meia noite no P. C. desse Btl.
- b) O grupamento de ação em conjunto executará a partir das 7 horas sôbre as orlas orientais do bosque La Tremblée, do bosque Goutte-Bennequim, do bosque Zelin e sobre os fundos do riacho L'Etang, tiros que serão suspensos a pedido dos Cmts. de Btls. de Inf.

Meios suplementares postos a disposição do Cmt. do (tal) Batalhão:

- 2 canhões de 37 m/m.
- 3 grupos de morteiros Stocks do R. I. disponíveis às 2 hs. do dia 14 de Novembro no campo a O., proximo à Vau-thiermont.

Os Cmts. de cada um destes agrupamento de petrechos estarão à mesma hora no P. C. do Cmt. do Btl.. O vale a O. do riacho São Nicolau é plano até cerca de 200 metros e accessivel à infantaria, apesar de ser ligeiramente pantanoso. Este riacho é, em qualquer ponto, francamente vadeado por homens a pé.

- c) Não foram observados vestígios de organizações anteriores na margem O.. Na jornada de 13, o inimigo parece executar alguns trabalhos de entrincheiramento na direção do caminho que marca a linha de crista diante da frente do Btl.

PREPARAÇÃO DOS EXECUTANTES

Antes da reunião, os Oficiais de Infantaria e de Cavalaria do "Centro de Aperfeiçoamento", são convidados a estudar o têma e a preparar por escrito:

- 1.º) A ordem inicial de ataque dada pelo Cmt. do Btl..
- 2.º) As considerações submetidas ao Cmt. de Apôio Diréto.

Os oficiais de Artilharia estudarão a escolha do terreno para a colocação de Baterias favoráveis à missão do grupo.

Dar o tempo de examinar o têma, ambientar-se com a situação e, em caso contrário de revêr as prescrições regulamentares correspondentes ao exercicio (as quais não se poderá prescindir de assinalá-las como referencias no têma inicial) com uma antecedencia nunca inferior a 24 horas.

Levar cada um a se aprofundar um pouco mais na questão, pedindo a todos que redijam a ordem inicial de ataque do Cmt. do Btl..

Esta ordem deve ser curta e limitada ao essencial, se o têma teve o cuidado de impôr um prazo suficientemente curto para a concepção, redação e difusão desta ordem.

PREPARAÇÃO DO DIRETOR

a) A preparação pessoal do Diretor do exercício é diferente. Ou decide impôr, como ponto de partida, um dispositivo fixado por él (e combinado em função do fim a atingir pelo exercício) ou escolhe uma das ordens anteriormente redigidas pelos executantes, desde que ela realize dispositivos iniciais conforme os ensinamentos procurados, ou ao contrario, que contenha dispositivos defeituosos e onde o Diretor poderá explorar os erros para melhor ressaltar a demonstração que procura; (em geral, o 2.º processo é preferível e mais facilmente fecundo em ensinamentos).

Num e noutro caso, a preparação do Diretor comporta um estudo detalhado do terreno e as hipóteses mais favoráveis que deverão ser levadas ao detalhe sobre o dispositivo das forças e emprego dos fogos do supostos inimigo, (flanqueamentos avançados, concentração pelos fogos a grande distancia, provenientes das zonas favoráveis à dissimulação dos orgãos de fogo cobertos ou contra encostas; reações diversas pelo fogo ou pelo movimento contra os sucessos do ataque, etc.).

Este estudo do terreno e estas hipóteses devem atingir à concepção efetiva e suficientemente detalhada dum dispositivo e dum plano de fogos do adversário — concepção esta que possue a enorme vantagem de ser traduzida sobre uma carta, previamente ao exercicio propriamente dito e mesmo ao exame dos trabalhos preparatórios confeccionados pelos Oficiais a instruir; tem-se assim uma situação definida, clara e concreta, que simplifica o trabalho do Diretor no decorrer do exercicio propriamente dito e mesmo no exame dos trabalhos

preparatorios confeccionados pelos Oficiais a instruir; tem-se assim uma situação definida, clara e concreta, que simplifica o trabalho do Diretor no decorrer do exercicio propriamente dito, contribuindo consideravelmente para a veracidade e alcance do ensinamento visado que não se pôde agora, acusar de estar "forçado" para as necessidades da causa.
A preparação aprofundada do exercicio feita pelo Diretor é o fator essencial do seu sucesso.

- b) Faltas a prevêr e em que o Diretor deve, nas hipóteses sobre o inimigo, preparar a sanção pelo fogo — Dispersão dos meios de fogo do Btl. (Mtrs., 37, morteiro Stock) pela repartição excessiva feita pelo Cmt. do Btl. ou das más disposições tomadas pelo Cmt. da Cia. Mtr..
Determinação aos orgãos de fogo, duma posição no dispositivo, em lugar de lhe ser dada uma missão (falta muito grave, e frequente).
Determinação de uma missão incompativel com as características do material considerado (propriedades balísticas, recursos de remuniciamento e mobilidade).
Esquecimento de precauções a tomar, para que no deslocamento progressivo da base de fogos seja assegurada a continuidade do fogo.
Erros quanto ao emprego da Art. de Apôlio Direto, pois o infante nada tem a ver com a colocação das baterias, é da consilha interior da Art.; mas, pôde e deve pedir à Art., seus projetis em tal ponto, a tal hora, em tais condições e durante determinado tempo (ponto mais importante, que dá lugar a frequente erros).
Passividade do Cmt. do Btl. uma vez que o combate esteja engajado.
Ordens inexequaveis (notadamente aquelas que seriam enviadas às unidades engajadas).
Estudo incompleto e erroneo do terreno, notadamente da compartimentação de fogos por élle imposta.
Não executar o seu trabalho e sim o dos seus subordinados (muito frequente).
Despreso do fogo; com um ardor particular ao exercícios sobre a carta; não se admite resistência.
É essencial arrefecer constantemente tais entusiasmos que conduzem diretamente aos nossos ataques de Inf. de 1914: não

se jogam homens contra projéteis que muitas vezes não se sabe de onde vêm.

Mas também combater incessantemente contra as concepções e soluções exageradamente timoratas; mostrar que os infantes dignos deste nome, ativos, sabendo empregar o fogo, e dirigir o apoio da Art. e manobrar, chefes que saibam comandar executantes instruidos, podem atingir seus objetivos apesar do inimigo, etc.. . .

Enfim o Diretor terá de exigir unicamente ordens e atos reagindo constantemente contra a propensão dos executantes de falar muito em lugar de agir; proibindo discursos nos quais cada um tenta explicar a decisão tomada.

Deverá também reagir contra a tendência de justificar erros cometidos, valendo-se de um texto regulamentar mal compreendido ou intempestivamente aplicado.

EXECUÇÃO DO EXERCÍCIO

Entre as ordens redigidas anteriormente à sessão destinada aos oficiais a instruir (Ver acima "II Téma do exercício no fim) o Diretor escolheu escolheu as do Cmt. Z, cujos dispositivos tomados parecem de natureza a favorecer a demonstração procurada.

Além do referido Cmt., que comandará o Btl., o Diretor designa outros 7 oficiais que comandarão respectivamente as Cias. de F. V., A, B, C, e a Cia de Mrt. M, os canhões 37, os Morteiros Stockes e o Grupo de Apoio Diréto.

Cada um toma posse do cartão sobre o qual são cortados os figurativos representando os elementos da unidade que comanda.

Os oficiais assim designados se grupam em torno do Cmt. Z de um dos lados da caixa de areia, face ao Diretor; todos os outros assistentes se colocam em volta da caixa, sendo permitido fumar. E' dada a palavra ao Cmt. do Btl. Z para ler sua ordem.

DESENVOLVIMENTO DO EXERCÍCIO

- A ordem dada pelo Cmt. Z prescreve em extrato:
 - Manobra pela esquerda.
 - Em 1.º escalão, 2 Cias. F. V.
 - Cia. A ao Norte, frente cerca de 350 metros.
 - Cia. B ao Sul, com uma frente aproximada de 250 metros.

Em reserva, Cia. de Fuz. C, atraç da Cia. B, a 500 metros de distancia, formação, em triangulo com o vertice para a reta-guarda.

- Cia. de Mtr.;
- 1 grupo com a Cia. A, 1 secção e mais com a Cia. B.
Canhão 37 (2 com a Cia. B.)

Morteiros Stocks:

- 1 grupo com a Cia. A.
- 1 grupo com a Cia. B.
- 1 em reserva com a Cia. C..

Lugar do Comandante do Btl.:

P. C. inicial sôbre a crista ao Norte da estação de Vauthiermont. Ulteriormente — sobre a crista S. O. d'Angeot a H + 40 minutos. Depois para a orla Norte do bosque Goutte-Bennequim.

Ligações com os Btis. vizinhos:

Uma fração de cada uma das Cias. A e B marcham nos limites do Batalhão.

Instruções à Artilharia:

Posição de bateria nas orlas SO de Haut-Bois.

Apôio:

1.º) — Tiro de 10 minutos começando a H-10' sobre a 1.ª linha inimiga e vila d'Angeot (orla Sul)..

2.º) — Barragem rolante a 100 ms. em 3 minutos, a partir de H, com a suspensão de $\frac{1}{4}$ de hora depois da conquista de cada um dos objetivos.

Os subordinados do Cmt. Z são convidados a refletir durante 5 minutos e dispôr em seguida no terreno as unidades que comandam (dispositivo de partida) como a execução das ordens que acabam de receber.

Isto feito, o Diretor manda o Cmt. Z, justificar seu dispositivo, notadamente ao que se refere ao emprego dos meios de fogo, além dos das Cias. de F. V.. Mas, anteriormente êle o felicita

de ter observado na redação de sua ordem a clareza, sobriedade e brevidade necessarias: esta ordem tem 60 linhas; para se proceder ao ataque desta frente bastam ser empregadas 3 Cias. e 16 Mtrs. As outras foram enfadonhamente prolixas; pois entre as ordens remetidas ao Diretor, uma tem 17 paginas, outras de 6 a 12, o que é excessivo de resto inverosimil em vista das condições e demora sem as quais o Cmt. do Btl. deve conceber, redigir difundir em tempo util suas decisões (ver têma). Além do que esta abundancia de prosa não traduz necessariamente, com a maior clareza a expressão da vontade do Chefe, visto que, aqui, como em qualquer outra cousa "tudo o que é bem concebido é claramente enunciado" e "ordem incisiva" é verdadeiramente um sinal do valor do Cmt..

Em suas perguntas de justificação das ordens dadas, é essencial que o Diretor "proceda por questões precisas e exija respostas claras e breves"; sinão o exercicio se transforma imediatamente em conversa e divagações.

Razões que determinam a manobra pela esquerda?

Terreno muito coberto, bem visto sem pontos de apoio naturais ou organizados; uma boa utilização do terreno pode provavelmente diminuir em parte a Cia. B aos fogos vindos d'Angeot e do bosque La Tremblée; o Btl. vizinho da esquerda parece que terá uma progressão mais facil do que o Btl. da direita.

Seja. Mas estas razões continuarão durante o decorrer de vossa progressão?

Não; para o ataque ao 2.º objetivo, a manobra parece se apresentar mais facil pela direita.

Exato; e para o 3.º objetivo?

Ela será tambem difícil quer de um lado, quer de outro, a menos que a progressão do Btl. da minha direita...

Questão proposta; vossa indicação de manobra pela esquerda é muito positiva.

— Como você adapta à ideia de manobrar o seu dispositivo?

Porém, você dá morteiros à Cia. da direita?

Suas Mtrs. e Morteiros em reservas têm emprego previsto?

Estão eles às ordens do Cap. C?

E os que marcham com as Cias. A e B?

Estamos na realidade, e sua ordem emprega, com 2 linhas de distâncias, uma mesma expressão em 2 sentidos opostos: erro. Seria necessário precisar "as ordens de....." afim de evistar confusões possíveis. Nunca uma ordem é suficientemente precisa.

Quem dará ordens aos órgãos de fogo em reserva?

Diretamente?

Frente mais larga ao Norte, mais reduzida ao Sul, para um mesmo efetivo; reservas atrás da esquerda; meios de fogos mais possantes na Cia. da esquerda.

Sim, porque ela poderá ter necessidade deles para reduzir as resistências na vila.

Não para o momento, eu o determinarei segundo as circunstâncias.

Não, eles marcham com esta Cia. mas, não estão sob suas ordens.

Estão à disposição dos Capitães destas Cias; eu precisaria melhor o seu emprego se estivessemos na realidade.

Eu.

Por intermedio do Cmt. do C. M..

Onde estará o Cap. M.?

Comigo

Como comandará estes órgãos que marcham com a Cia. C?

Vejamo-lo. Crê que a Cia. C poderá constantemente marchar em triângulo? E que vantagem atribue a essa formação?

Você prescreve então ao Cap. de estar em condições de executar isto ou aquilo e deixa-lhe a escolha das formações que deverá muitas vezes modificar e que a ele compete e não a você. Além disso note que uma formação não possue vantagens peculiares; o terreno, o fogo inimigo e a missão indicam a melhor no momento.

Conclusão sobre este ponto: não dar nunca ordens inexequíveis; cumpra sua missão dando aos seus subordinados indicações que lhes são necessárias e deixe-lhes agir.

Outra coisa: você tem certeza de estar pessoalmente a H + 40 sobre a crista SO d'Angeot?

Perfeitamente.

Terá comigo uma ligação segura.

Pode ser obrigada, pelas circunstâncias do terreno ou do combate a modificar esta formação: julgo, entretanto, esta boa, porque ela se presta às missões que poderei dar à Cia. C.

Não, eu não deveria dar uma indicação tão precisa, porém dizer somente qual o itinerário em que me desloquei.

Crê que seus Capitães A e B estejam suficientemente orientados sobre a fixação da sua zona de acção?

Seus Capitães não tomam conhecimento da ordem do Cel. e sim da sua.

Textualmente?

Erro. Em cada escalão de Comando, é necessário utilizar de preferência as contingências locais à ordem vinda de cima. Por exemplo: O Cel. lhe dá como direção o bosque Le Sang; seus subordinados que não possuem o croquis que lhe enviou o Cel., não conhecem e não vêm este bosque.

Duvido, levando em conta sua situação e recursos; porém admitamo-lo, o que resta saber é se a direção fixada pelo Btl. que é boa para ele, o seja também para as suas Cias. para cada uma das quais é preciso uma direção particular materializada por pontos de referência do terreno; depois sobre esta direção, por objetivos também materializados e no caso em estudo, sucessivos.

Objetivo sobre uma direção dada tal é a prescrição formal do regulamento a

A ordem do Cel. fixa os objetivos.

Certamente, mas eu reproduzirei na minha ordem as indicações dadas pelo Cel.

Sim.

Eu os faria executar um croquis.

qual nos devemos cingir; a zona de ação é apenas um complemento a indicação, mas não parte indispensável e essencial.

Consultou ao Artilheiro antes de ditar-lhe as instruções dadas?

Lamentável e contrário a vontade do regulamento como aos conselhos da experiência.

Si você o tivesse consultado, o Artilheiro lhe teria feito provavelmente observações úteis.

Quais são elas, por exemplo, Artilheiro?

E' mesmo provavelmente impossível, você verificou?

Será necessário verificar. Onde julga estar em melhores condições para entrar em posição?

Cmt. Z, você tem atribuições para fixar posições de bateria?

Não.

Artilheiro: E'-me difícil apoiar na partida, se eu estou em posição nas orlas Oeste de Haut Bois.

Não, acabo somente de escutar a ordem.

Dum lado e doutro do colo a Este de Vauthiermont ao menos para 2 baterias; observatorio ao Norte da estação de Vauthiermont, desde que nada se veja de 403 (Baiobois) o que possível, mas que necessita verificação.

Sim, porque o grupo está a minha disposição.

Não está sob as suas ordens. Você tem obrigação e o dever de lhe dizer onde, quando, durante quanto tempo e com qual intensidade o grupo deve enviar seus projetis; colocando-o em "apoio direto" ao seu Btl., o Cmt. da Divisão lhe deu a dispensa de passar por seu intermedio para pedir os projetis; o Artilheiro, entretanto, continua senhor da escolha de melhores meios para lhe satisfazer; sua tecnica não é pois de sua alçada.

Porque você pediu uma preparação de 10 minutos?

Seria isto discutivel se não fosse contrario a ordem não "efetuar preparação".

Desobedecendo-a de uma maneira tão grave você iria alertar o inimigo, talvez até fracassar tudo e em todo caso, contrariar seriamente a manobra preparada. Ainda uma coisa que o artilheiro vos fez observar.

Ele não teria entretanto deixado de objetar que você não pode montar uma baragem rolante somente na frente do seu Btl. porque esta medida concerne a Divisão; e que ainda, uma baragem feita por 3 Bias. sobre uma frente maior de 600

Espero assim obter uma neutralisação que facilitará o desembocar do meu Btl.

ms. não é bem forte; que haveria maior vantagem em utilizar os seus projectis pela massa e pela surpresa, portanto por meio de bombardeios.

Enfim, você não poderia nunca prever assim tão longe como o fez, ou o que pelo menos se você poderia preve-lo não deve prescreve-lo. Até que você chegue aos bosques Le Sang surgirão imprevistos aos quais terá que adotar os fogos que estão a sua disposição.

Assim pois você fará tantas previsões quantas queira porém nada de ordens prematuras; dividida em etapas as suas decisões.

O Diretor faz estas observações quanto a ordem do Cmt. Z; insistiu sobretudo em alguns pontos, que não tencionava voltar no decorrer do exercicio.

Para o demais, ha verdadeiramente ainda muito á dizer, sendo entretanto essencial não prolongar esta forma teorica da demonstração. Para fazer ressaltar as vantagens e inconvenientes do dispositivo escolhido, será melhor esperar que o desenvolvimento do exercicio, assim conduzido, em consequencia, os evidecie. Uma discussão teorica é menos convincente do que uma realidade tangivel. Esta justificação não tem outro fim senão a de fixar antes de todo acontecimento subsequente, a maneira pela qual o Cmt. do Btl. Z concebeu a situação e sua missão, e pretende cumpri-la.

c) Os subordinados, colocaram seus elementos; sendo preciso, examinar rapidamente as soluções dadas, do mesmo modo que acaba de ser indicado para a justificação da ordem do Btl.

Não critica suas disposições em detalhes, porque não é este o objetivo do exercicio. Si ha faltas notórias, o Diretor as ressaltará no decorrer do exercicio; e as quais anotará para fazer

o objeto de um exercicio ulterior. O Cap. A empregou 2 Pels. em 1.^º escalão e 2 em 2.^º escalão, a 200 metros de distancia.

O que fará do seu grupo de Mtrs.?

Recebeu ele missão?

E seus morteiros?

Tem eles missão?

Poderão atirar muito tempo?

Que farão em seguida?

Cmt. dos Morteiros, você pode atirar a cerca de 500 metros?

Qual é o seu desvio provável nesta distancia?

Quando cessará o tiro e por ordem de quem?

Será mesmo prudente cessá-lo antes porque, devido a dispersão, haverá estilhaços.

A — Marcha com o Pel. da esquerda em 2.^º escalão.

Não para o momento; eu o conservo em reserva; além do que, ele não poderá atirar enquanto eu me desloco.

Atraz de mim, em posição no corte da via ferrea, perto da estrada.

Atirar á hora H sobre o cañon que é o meu 1.^º objetivo.

Alguns tiros somente, porque estes se tornariam perigosos para nós.

Não sei ainda, verei no de correr do combate.

Facilmente com a carga de 19 gramas.

Cerca de 20 metros em alcance e 4 metros em direção.

Não tenho necessidade de ordem, verei de minha posição e cessarei o tiro quando o ataque chegar mais ou menos a 100 metros das casas.

Cap. A, você assegurará a ligação prescrita com o Btl. da direita?

Cmt. Z sua opinião?

Talvez, com efeito, mas de quem é a culpa?

Por que?

Isto não era indispensável mas foi uma boa precaução. Será este destacamento necessário?

Concordo. Cap. A, missão dada a esse Pel.?

"Marchar no limite"? Este limite está desenhado no terreno.

Bem entendido, porque o regulamento é obrigado a falar de uma maneira geral, não podendo precisar se trata de estrada X ou da orla do bosque. Mas você faz o caso em particular e portanto deve precisar materialmente no terreno. Além do mais é o "limite" que nos interessa ou as unidades que atacam de um lado e doutro dele?

Encarrego desta missão o Pel. da direita do meu 2.º escalão.

Isto é demais.

Minha.

Porque, não fixei a importância deste destacamento.

Sim, porque é preciso saber o que faz o Btl. da direita e as orlas d'Angeot, os bosques, sebes, casas vem nos prejudicar á vista, não havendo apesar de tudo, necessidade de muita gente.

A — Marchar no limite do Btl. e informar; e quando necessário, tapar o intervalo que se produza.

E' esta a frase empregada no regulamento.

São as unidades, evidentemente.

Já que é evidente, retifico que a ordem!

Assim será melhor. Capitão B, o seu dispositivo?

Bem; algumas precisões: estas Mtrs., canhões e morteiros têm missão?

Ah! Baterá durante muito tempo?

Porque um grupo de Mtrs. e somente 1 grupo de fuzileiros para o destacamento de ligação?

Marchar na altura do 2.^o escalão da Cia., entre os 2 Btls.. Informar sobre a situação do escalão de fogo vizinho, e se necessário, engajarse para assegurar a continuidade da linha de fogo.

B — 2 Pels. em 1.^o escalaõ, 2 em 2.^o escalaõ, menos 1 grupo encarregado, juntamente com o grupo de Mtrs., para assegurar a missão de ligação com o Btl. da esquerda. A outra secção de Mtrs. tem um grupo no escalaõ de fogo entre os 2 Pels., 1 grupo em reserva junto a mim, com o Pel. da direita do 2.^o escalaõ. Os 2 canhões 37 e os morteiros seguirão neste escalaõ.

As em reserva, não. Serão dadas no decorrer do combate, porque na minha frente não encontro no momento missão a lhes dar. Limitar-me-ei a mandar bater a 1.^o linha inimiga a hora H pelo grupo de Mtrs. em 1.^o escalaõ.

Não, porque minha progressão o fará cessar fogo.

Esta missão de ligação é uma questão de vista e de fogos; para a vista, não há necessidade de muitos homens, para o fogo, 2 metrs.

darão um rendimento melhor do que um Pel. inteiro de Fzs.

Meu Grupo de Fzs. tem sobretudo por missão a proteção das Mtrs. e si não fosse impossível descer além do grupo, eu teria diminuindo ainda mais o efetivo.

Não ha duvida, mas você julga que este destacamento é muito necessario?

De acordo, mas eu pergunto sua opinião.

Não estariam elas tambem nestas condições a esquerda do seu 2.^o escalão?

Cmt. Z, o que pensa sobre o caso?

Erro; ele não é regulamentar quando inutil, releia o regulamento para você se convencer, acrescento ainda que o seu erro é comumente cometido por pessoas de responsabilidade.

Cap. X, você comanda a secção de Mtrs. dividida entre as Cias. A e B.

E' esta a ordem.

Para a vista é inutil; toda Cia., e eu veremos tanto quanto o destacamento. Mas, para o fogo, as Mtrs. estarão prontas para atender em caso de necessidade.

De fato; bastaria para isso dar-lhe esta missão eventual.

Z — Este destacamento não é indispensavel sem duvida, mas, é regulamentar.

Onde é que você marchará?

X — ! ? !

E' preciso você decidir, entretanto!

Ficarei com o grupo de A.

Bem, não pergunto a você a razão dessa decisão!

E o que você fará com este grupo?

Capitão M sua opinião?

M — E' preciso evitar tanto quanto possível se dividir uma unidade constituida.

Eis o moral do incidente. Nem sempre é possível evitar esta ruptura, mas, é preciso fazer tudo para evita-la e deixar cada chefe em sua função.

Cmt. dos morteiros, onde você está?

N — Meus 3 grupos estão dispersos; eu fico com o de reserva, que talvez, irá se reunir a um dos outros.

Talvez!... Ainda um Cmt. sem emprego.

d) Tudo está pronto e cada um explicou as razões dos dispositivos essenciais. E' preciso agora, que o Diretor mostre os resultados deles, procedendo de maneira a atingir ao ensinamento que procura; possue o Diretor a parte melhor, pois que fez agir o inimigo a sua maneira (e é por isso que ele faz a manobra de simples ação) e que o Cmt. Z lhe entregou a demonstração bem a contento e razão pela qual foi escolhida.

O Diretor propõe a situação seguinte:

— o ataque assim montado deve partir ás 7,15, ás 7,45 hs., a direita da Cia. A está aferrada ao terreno em frente ao seu 1.^o objetivo (casas B. E. d'Angeot) por fogos vindos delas e das alturas a O. da igreja (?); a esquerda consegui atingir a estrada (a barragem rolante deixou-a e prossegue). O Btl. da

direita está detido nas mesmas condições nas margens do riacho, pelo menos no que se refere a sua esquerda.

Favorecida pelas pequenas cobertas que apresentam os "Marigot" copadas diante de sua esquerda, a Cia. B. marcha sem muita dificuldade em ligação com o Btl. da esquerda cuja situação é igualmente favorável. O escalão fogo de B atingiu 382,1 com a ala esquerda, por causa da parada da Cia. A.

A Cia. de reserva C, está proximo á linha de partida (E do riacho), aferrada no campo descoberto e na colina, e logo que procura progredir recebe fogos de Mtrs. muito nutridos parecendo provenientes da direção do bosque La Trembleé.

Estes fogos molestam igualmente o escalão fogo da Cia. B, assim que atinge a crista.

O 2.º escalão desta Cia. entretanto sofre muito menos, tendo podido ganhar o angulo morto da estrada.

Cada um dos Cmts. de Cias., coloca seus elementos segundo esta situação. Enquanto isto, o Diretor argue o Cmt. Z sobre suas reflexões e decisões, pois de seu observatorio, poude ele seguir completamente o desenvolvimnto da ação.

Que pensa dessa situação?

Z — Detido pela direita, posso ainda progredir pela esquerda e então progrido pela esquerda.

Como você concebe esta progressão?

Dou ordem a Cia. de reserva seguir a Cia. B, que pode se deslocar.

Mas a Cia. C não pode progredir!

Talvez que progredindo homem a homem...

Ela não pode progredir!

Lembre-se da guerra! O fogo inimigo a detem, ela está aferrada ao sólo. Além do que não ha necessidade desta ordem pois você já lhe disse antes da partida, para seguir a Cia. B sendo-lhe inutil re-

petir. A Cia. não está esgotada, como nós veremos daqui ha pouco; não pôde entretanto ultrapassar a crista porque o fogo em questão a detem.

O que é preciso fazer para que ela possa progredir?

Muito bem, e como?

Bem... mas... e a baragem rolante?

E' esta tambem minha opinião e melhor seria provavelmente não a iniciar, economizando-se melhor os fogos da artilharia. Vai ser preciso gasto de tempo e prejuízo ás Baterias para responder ao seu novo pedido.

Admitamos que isto seja possível. Não pode você fazer outra coisa?

Nada mais existe do que o bosque La Tremblée. Fogos mortiferos partem agora, de Goutte Bennequm, dos pomares e das casas S. O. d'Angéot, na região entre a aldeia e o bosque La Tremblée.

Extinguir o fogo que a detém.

Ordem á Artilharia para bater as orlas do bosque La Tremblée de onde provém esses tiros.

Será melhor interrompe-la para atender ao mais urgente. De resto, para o momento, de nada ela me serve.

Tenho ainda em reserva 2 morteiros e duas secções de

Mtrs. Ordem ao Cap. M para que a reserva entre em posição, atirando os morteiros sobre as casas S. O. d'Angeot, e as Mtrs. sobre a garupa a O. da Aldeia e Goute Bannequim.

Cap. M. como executa essa ordem?

M — Envio agentes de transmissão aos morteiros e as 2 Mtrs.

Que estão aonde?

Na cauda da Cia. C.

Então estão na esplanada descendente para o inimigo, detidas como os demais.

Preciso que eles se coloquem em posição no mesmo local, mas, talvez não se possa atirar sobre Gaute Bennequim, por não ser visto.

Talvez, com efeito, mas pouco importa, porque todos os seus órgãos de fogo não podem entrar em posição e muito menos atirar sob às vistas fogos do inimigo.

Mas podem experimentar.

Eles experimentam, fazem massacrar e se aferram ao terreno. Resta-nos, pois, só artilheiro que atira sobre La remblée. Pelo menos assim dmitamo-lo.

A — Escalão de fogo detido, à direita junto ao Moinho Velho, a esquerda no corte da estrada. O Pel. de ligação não abandonou o Moinho Velho. O Pel. de reserva está aferrado ao terreno atrás e a

Capitão A, onde você secha?

minha esquerda; onde também estou junto com o grupo de Metrs.

Que faz?

Impossível de progredir.

Excelente pensamento, mas seus metralhadores são mortos logo que se movam.

Que faz o seu escalão de fogo?

Bom, e seu grupo de morteiros?

Não se pode mais.

Capitão B, situação?

Experimento progredir com a minha reserva, homem a homem, para o angulo morto da estrada na minha frente à esquerda.

Faço com que minhas Mtrs. atirem do local onde estão por um intervalo entre meu 1.^º escalão e o Moinho Velho na direção da garupa a O. da igreja, afim de auxiliar o Btl. vizinho.

Atira na frente dele. O pelotão da esquerda pode atirar um pouco na direção de N. O., sobre as orlas S. O. da aldeia, para auxiliar a Cia. B. neutralizando o fogo que a retarda.

Ficou atras. Pode ainda atirar, mas, não sobre o 1.^º objetivo, que nos está muito próximo. Si não se pôde mais progredir no vale...

...não posso lhe mandar novas ordens. Mas ele poderia transportar seu tiro um pouco mais longe, ou pedir ordens ao Cmt. do Btl. melhor colocado que eu para o Comandar.

B — escalão de fogo face a O. e a N. E. detido na extremidade da chapada, por fogos vin-

dos de N. E. N. O.. Pels disponiveis abrigados na pequena ravina a O. e proximo à estrada. Meus 2 canhões 37 em posição à direita do meu escalão fogo atiram sobre os pomares S. O. d'Angeot; minhas Mtrs tambem em posição ,atiram sobre Guatte Bennequim. Os morteiros em posição na pequena ravina, atiram sobre as orlas de La Tremblée.

Por que emprega a maioria destes fôgos sôbre o N.?

Bem; e os seus morteiros vão atirar muito tempo?

Qual a quantidade?

Cap. R?

Ten. P?

Cmt. dos morteiros?

Seja cerca de 1 minuto de tiro a velocidade normal. Não ha mais munição alem desta?

Onde estãõ neste momento?

Pôde você contar com esta munição?

Tem certeza de atingir com "os im objetivo dado?

Porque é de lá que vem os fogos que me detem.

Enquanto tiverem munição.

? ? ?

R — ? ! ?

P — ! ! !

24 tiros por peça.

Cerca de 120 tiros, ainda em reserva.

Sôbre as viaturas, perto da estação de Vanthiermont e na viatura de bagagem do grupo, no T. C..

Não, porque si não se pode progredir no valado, não é possível nenhum remuniciamento.

Absolutamente não, porque o morteiro é muito pouco pre-

ciso. São necessários muitos tiros para se atingir seguramente um resultado. E' necessário entretanto, por isso, segundo penso, que os morteiros sejam grupados em 2.

Conclusão: com um petrecho tão pouco preciso como o morteiro, será necessário fazer tiro coletivo, dando-se um mesmo objetivo a diversas peças. Com um petrecho que não tem mais do que 24 tiros para atirar é preciso guarda-los para uma ocasião que valha a pena, porque no caso contrário se ficará logo desarmado. O melhor pois, será instalar esses petrechos em um ponto de onde se possa remuniciar e nunca em 1.^a linha.

E o 37, quantos tiros?

64 cartuchos por peça.

E' preciso?

Muito preciso.

Será necessário faze-lo também agir coletivamente?

E' inutil, em vista de sua precisão. Nunca se colocam 2 canhões sobre um mesmo objetivo.

Seu defeito?

E' pesado, dificilmente transportado a braço e muito vulnerável durante o transporte.

Então ele também não pode entrar em posição em 1.^a linha.

Certamente, alem do que em virtude da tensão de sua trajetória, ele atira dificilmente por cima das tropas amigas.

A menos que o terreno não indique para a posição de bateria escolhida um local favorável em relação com a situação das tropas amigas. Suponha seus canhões 37 em posição sobre a via ferrea, não poderão êles atirar sobre Angeot por cima da Cia. A?

Certamente que sim.

Convém notar que, segundo o desenvolvimento do exercício, o Diretor deve certificar-se por meio de perguntas precisas dirigidas aos executantes efetivos e aos outros ouvintes se as prescrições regulamentares foram conhecidas e compreendidas. Esse processo de verificação e explicação sobre casos concretos é verdadeiramente muito menos fastidioso e mais frutífero do que uma dissertação árida. Porém é necessário não se afastar desta norma, porque desde que se desenvolve o menor exercício apresentam-se logo todos os problemas do campo de batalha; ora, é pois indispensável de se manter sempre rigorosamente dentro do objetivo a atingir, do exercício em estudo, excepto quanto a anotação de outras partes que venham a se apresentar e que farão o objeto ulterior de um outro exercício. Essa divagação do exercício é um dos perigos contra os quais o Diretor deve-se manter constantemente atento.

e) — O Diretor indica uma nova situação. Os fogos fornecidos pela Artilharia de Apoio, os morteiros de A e de B, as Mtrs. e os canhões 37 de B dominaram os órgãos de fogo inimigos na região ANGEOT-LA TREMBLÉE. Percebe-se no vale que se pode progredir um pouco porem muito pouco.

O Btl. da esquerda desce para o Riacho de L'ETANG; o Btl. da direita entra em Angeot. As Cias. A e B atingiram completamente o 1.º objetivo.

Mas, quando começam o deslocamento para o riacho L'ETANG são acolhidos por fogos de Mtrs. parecendo provir da GOUTTE BENNEQUIM, da crista que determina o 2.º objetivo e da região da cota 382,7.

O Cmt. Z foi ferido. O Cap. Y assume o Comando do Btl. Impressões e, si necessário, decisões do Cap. Y?

Cinco minutos de meditação.

O Cap. Y tossiu e declara:

Nenhuma modificação quanto ao dispositivo para a direita e se deslocar cada vez mais na esteira da Cia. A afim de:

1.º — Estar em condições de se engajar na direção NO para cobrir meu ataque, no caso em que se acentue o retardo do Btl. da direita que, após as dificuldades de Angeot vai se defrontar com as do Bosque La Tremblée;

2.º — Achar-se, em vista do ataque ao 3.º e difícil objetivo, em situação de prolongar a Cia. A, deslocando-se para a cota 375,3 e garupa imediatamente à 0.

Pedido ao Apoio Direto:

1.º — De observar intensamente o Bosque La Tremblée e de neutralizar as metralhadoras que ali se revelem.

2.º — De estar pronto para atirar sobre o Bosque Le Sang e garupa NO, onde temo se revelarem, de um momento para outro, metralhadoras à grande distância, contra quem, no momento os meus fogos seriam impotentes.

Ordem ao Cap. M de reunir sob seu Comando na crista da cota 382,1 Angeot, as 2 secções de Mtr. e os morteiros em reserva, os cedidos primeiramente à Cia. A e si possível os morteiros e os 2 canhões 37 que a Cia. B não os deve ter levado além da crista.

Missão deste Agrupamento de Fogo:

— Bater e neutralizar, por cima do escalão fogo, o inimigo que defende o 2.º objetivo.

— Bater preventivamente as orlas e a parte ocidental do Bosque Le Tremblée.

As Cias. A e B serão avisadas pela maneira por que vão ser apoiadas, conservando as Mrts. até à conquista do 2.º objetivo, a partir de onde deverão ser reunidas sob as ordens dum Tenente metralhador, e instalados de modo a constituirem o embrião de uma nova base de fogos, em vista da conquista do 3.º objetivo, tendo primeiramente como objetivos as orlas do Bosque Le Sang e a Região 375,3, vigiando porém, as alturas do Bosque la Grance e as que estão à NO do Bosque le Sang.

O Diretor consulta o relogio. A sessão durou ininterruptamente 1h,20 minutos e é preciso terminar, pois que, do mesmo modo, a demonstração procurada está obtida e basta-lhe agora uma curta exposição para resalta-la com toda evidência necessária.

Não se passará, entretanto, à execução das decisões que acabam de ser formuladas pelo Cap. Y. O Diretor pede simples-

mente ao Cap. M. que instale no local, segundo sua idéa, o agrupamento dos órgãos de fogo, que acaba de ser constituído sob seu Comando. Dispositivo realizado:

No centro da zona do Btl. duas secções Mtrs. reunidas, mas, não emassadas, sob o Comando de um dos Cmto. de Sec. Zona de ação: Garupa 375 (Sul do Bosque ZELIN) até o Bosque LA TREMBLÉE inclusive. Imediata abertura de fogo sobre toda a frente do BOSQUE ZELIN, até ao LA TREMBLÉE; repartição dos objetivos feita pelo comandante do grupamento.

Canhões 37: um a esquerda, com a zona de ação normal na direção dos BOSQUES ZELIN e GOUTTE BENNEQUIM; outro á direita, com a zona de ação normal para o BOSQUE LATREMBLÉE; estas peças devem poder atirar sobre a zona descoberta entre os BOSQUES GOUTTE BENNEQUIM e LA TREMBLÉE. Fogo privativo, a abrir por ordem do Cap. M ou do Tenente Comandante dos 37, que terá seu P. C. junto ao Cap. M.

Morteiros reunidos em um só grupamento, sob as ordens diretas do seu comandante, na pequena ravina à O da estrada. ZONA DE AÇÃO — Todo o terreno à O. do riacho L'ETANG até ao limite maximo de alcance, fogo privativo a abrir por ordem do Cap. M.

Remuniciamento geral.

P. C. do Cap. M junto do Cmt. Btl. (crista do 1.º objetivo, no meio da zona do Btl.).

N. B. — Sob pena de ultrapassar os limites de uma atenção proveitosa, um exercício desta natureza NÃO DEVE DURAR MAIS DO QUE UMA HORA E MEIA (compreendendo critica e realização); é bom ainda dividir a sessão em duas, de três quartos de hora cada uma, separadas por intervalo de 15 minutos para repouso.

III — CRITICA

Conclusão e coroamento do exercício, a critica, como a moral, dum apólogo, deve evidenciar duma maneira precisa, o ensinamento procurado e cabalmente demonstrado. É missão exclusiva do Diretor. Acabaram-se as discussões.

A critica comprehende duas partes:

- Um resumo em que se critica as disposições tomadas.
- Uma conclusão didática breve e muito nítida.

1.º — O Btl. enquadrado tinha por missão atacar na sua frente, uma posição inimiga constituída por cristas sucessivas sensivelmente paralelas, em terreno quasi totalmente descoberto e sem grandes obstáculos naturais. As zonas de ação dos Btis. vizinhos, ao contrário, apresentam-se cobertas, bem vastas e ao norte, uma aldeia largamente desenvolvida, obstáculo em nada desprezível. Em frente de ataque cerca de 600 metros; reforço apreciável nos meios de fogo (quasi todas as disponibilidades do regimento).

Nestas condições o comandante Z resolveu levar seu esforço pela esquerda, traduzindo esta decisão, primeiramente pelo dispositivo adotado para as Cias. A, B e C e depois pela atribuição dos meios de fogos mais numerosos e mais potentes à Cia. da esquerda do primeiro escalão. Além disso, reservou o emprego de quatro grupos de metralhadoras e um de morteiros, repartindo uniformemente sobre toda a frente o apoio de artilharia de que dispunha, dando-lhe a forma de barragem rolante.

A vontade de manobra e de apoio do movimento pelo fogo, está pois, perfeitamente nitida, e evidente (O Cmt. Z o explicou muito bem) que o dispositivo e a repartição dos meios visam a realizar esta vontade.

Qual foi o resultado?

a) O escalão de fogo é quasi imediatamente detido pelo fogo;

b) Para o Cap. A, impossibilidade de instalar as metralhadoras que marcham com ele. Possibilidade do tiro do grupo de morteiros deixado mais atrás, porém o capitão A, impotente de conduzir o fogo, opina que o Cmt. Btl. deve retomar a si o comando deste orgão.

c) Favorecido pelo terreno, o Capitão B pôde avançar um pouco mais e pôr em ação os seus órgãos de fogo suplementares. E' levado porém, a lhes dar objetivos situados fóra da sua zona de ação e mesmo fóra da do Btl. Seus órgãos não podem ser remuniciados e o grupo de morteiros está sem munição e quasi sem utilidade, desde o momento em que abriu o fogo.

d) A Cia. de reserva e os órgãos de fogo disponíveis, que marcham com ela, estão aferrados ao solo pelo fogo inimigo, tornando-os inuteis.

e) O Cmt. do Btl. não pode dispôr sinão de sua artilharia para combater o fogo que o entrava; mas, para fazer isto, será

necessario renunciar à barragem rolante, que entretanto, deixou a infantaria imobilizada.

Como se explicam esses resultados?

O inimigo para defender a frente 382,1 — ANGEOT, realizou um dispositivo de fogos que concentra no vale do RIACHO SAINT-NICOLAS os projéctis lançados por metralhadoras dispersas na profundidade de sua posição e notadamente, no que interessa ao ataque do nosso Btl., no BOSQUE LA TREMBLÉE e na garupa O. de ANGEOT. (1)

Foram estes fogos que deteram o ataque no vale. Contra eles, os fuzileiros-volteadores são impotentes. São, portanto, os fogos mais perigosos para o ataque. Não porque eles matem melhor do que os tiros mais próximos, mas devido a sua dispersão e afastamento, as armas que os produzem, gosam de uma impunidade relativa e escapam em todo caso, á ação direta do 1.º escalão do ataque, mesmo provido de carros de combate.

Será suficiente dar à este escalão os meios de lançar ao longe projectis poderosos? Não, por muitas razões, que acabamos de constatar: estas armas potentes, só difficilmente podem ser instaladas para o escalão avançado do ataque, em virtude da sua vulnerabilidade. Com excepção do morteiro, estas armas não poderiam atirar neste local, si não tivessem na sua frente elementos amigos. O remuniciamento torna-se extremamente difícil e muitas vezes impossivel. Ainda admitindo que, elas tivessem munição e podessem atirar, achar-se-iam incapazes de uma ação coordenada entre elas, visto cada capitão ter licença para emprega-las como bem entendesse. Os objetivos longinquos, sobretudo que particularmente justificam os tiros dessas armas, estão quasi sempre fóra da zona de ação da companhia com que marcham pois acabamos de ver os projéctis de metralhadoras, canhões e morteiros das companhias A e B se concentrarem fora da zona dessas companhias e até do Btl., sobre o BOSQUE LA TREMBLÉE e se encontrarem com os obuzes de artilharia enviados à pedido do Cmt. do Btl.

Esta coordenada fortuita, poderia fazer ilusão, pois obtevesse o resultado necessário: Dominar o fogo adverso, testemunhan-

(1) — Ver acima a necessidade para o Diretor, no curso da sua preparação do exercicio, de conceber um dispositivo lógico e suficientemente completo para os fogos da defesa.

do em todo caso, uma notável unidade dedoutrinano Btl. Mas, não nos deixamos seduzir por ela!...

Notem bem vocês que, primeiramente os capitães A e B atiraram naturalmente sobre aquilo que os importunava — as metralhadoras do BOSQUE LA TREMBLÉE — e atiraram com os órgãos capazes de atingirem estes objetivos bastante afastados. Isto não é para diminuir os seus méritos, nem a qualidade de suas iniciativas e muito menos o senso tático, felizmente inspirado. O Cmt. do grupo de morteiros, atribuindo primeiramente à Cia. A e logo obrigado a agir sem ordem, merece os mesmos elogios. Todos três, foram dignos da confiança de seu comandante de batalhão, e na verdade, em suas ações simultâneas, cada um agiu como si major fosse.

Todos vocês já concluíram com efeito — como o Capitão Y manifestou nas suas explicações e decisões — que não é distribuindo entre seus capitães, metralhadoras, morteiros ou canhões que o Comandante de Batalhão auxilia da melhor maneira possível seu escalão de fogo. NÃO SÃO ARMAMENTOS QUE ELE LHES DEVE DAR e SIM FOGOS UTEIS. Para serem úteis, estes fogos devem poder se aplicar oportunamente e com a potência necessária num vasto raio de ação, variável em cada caso e mesmo em cada fase do combate, mas que o terreno indica sempre com precisão. Um tal emprego do fogo não é possível senão, pela centralização da direção e da conduta de fogo das armas em questão.

Estudo e vigilância do terreno num vasto raio de ação, direção oportuna duma massa de fogos poderosos, tal é a base necessária do acréscimo da potência de fogo; dando assim na exata o papel e os deveres do comandante de batalhão na conduta do combate.

O Cap. Y nos mostrou que compreendeu bem este papel e deveres. Muito oportunamente procurou aproveitar-se duma série de circunstâncias favoráveis, para constituir em proveito do batalhão a "BASE DE FOGOS" em que fala o regulamento. Previu para o futuro, prescrevendo o necessário para o fracionamento e preparo do deslocamento desta base para a frente. Reservou a si, a direção do fogo desta base, conjuntamente com o emprego da artilharia de apoio direto. Confiou ao seu oficial metralhador a conduta de fogo de todos os seus meios, da mesma maneira que deixou ao artilheiro a conduta de fogo de suas baterias. Pôs em ação este fogo, preventivamente escolhendo os objetivos com um

grande senso tático do terreno e das possibilidades oferecidas pelo fogo defensivo do inimigo.

Todas essas disposições poderiam se realizar tão facilmente? Esta é uma outra questão que nós não poderemos estudar na carta, sem um excesso de hipóteses. A concepção porém é boa, assim como também o começo da realização indicada pelo Cap. M. Vocês tem pois, um bom exemplo duma BASE DE FOGOS bem compreendida.

2.º — Agora, concluamos do particular para o geral:

Atacar é avançar. Somente o fogo inimigo pode impedir que se avance, só podendo ser dominado pelo fogo. UM DISPOSITIVO OFENSIVO E' POIS UM DISPOSITIVO DE FOGO COMBINADO, TENDO EM VISTA PERMITIR O MOVIMENTO.

Só ha unidade reunindo em proporções convenientes os diversos meios de combate da infantaria. Só ha unidade onde a combinação de uns e outros possa ser convenientemente realizada — O BATALHÃO E' A UNIDADE FUNDAMENTAL DE ATAQUE.

As Companhias F. V. que fazem, sobretudo, o combate de movimento não têm meios para combater a mór parte dos fogos que as detém. Pois só possuem armas para o corpo a corpo ou de curto alcance, não podendo se utilizar de outros tipos. O combate de fogos pertence mais particularmente às metralhadoras pesadas, canhões 37, morteiros de infantaria, canhões de apoio direto, enfim todas as armas que exigem um certo retraimento para darem o seu rendimento total. O COMANDANTE DO BATALHÃO E' O GRANDE MESTRE DESSES FOGOS, porque só ele, está em condições de obter a coordenação e o feito da massa, como também de assegurar a direção no decorrer do combate e sua adaptação às necessidades do movimento.

A MANOBRA DO COMANDANTE DO BATALHÃO E' UMA MANOBRA PELOS FOGOS E O TERRENO A DETERMINA.

Para que estes projetis, instrumentos desta manobra, obedecam ao Comandante de Batalhão, será necessário que as respectivas armas que os lançam, estejam reunidas, bem à mão, e à disposição do Major.

A BASE DE FOGOS necessária à TODA infantaria que ataca, só pode ser constituída pelos órgãos de fogo do Batalhão (metralhadoras, canhões 37, Stockes).

O DESLOCAMENTO NECESSARIO DESTA BASE à medida que o ataque progride, será PROGRESSIVO, pois que o fogo deve ser continuo e o Batalhão dever dispor a qualquer momento

de uma base de fogos solida. Tal deslocamento deverá pois ser PREVISTO E PREPARADO (tanto no espirito como nas ordens iniciais ou sucessivas dadas pelo Chefe).

A artilharia de apoio direto está em condições de auxiliar a obter este resultado, para poder, de uma maneira melhor do que os órgãos de infantaria, deslocar seus fogos sem mover peças.

Poderá acontecer que o terreno interdito a constituição duma tal base de fogos, como no caso de terrenos extremamente cobertos ou compartmentados em excesso. O combate aí em seu conjunto escapa à vista do Comandante do Batalhão, que então está na obrigação de RENUNCIAR A CENTRALIZAR OS FOGOS QUE NÃO PODE DIRIGIR.

O Comandante da Companhia de Metralhadoras é o mais indicado para desempenhar o papel de Comandante da base de fogos do Batalhão, representando junto ao Major, o Chefe do Estado Maior para estes fogos, ou ainda, um papel analogo ao que o comandante da Artilharia Divisionaria desempenha junto ao General Comandante da D. I.

A seguir:

A COMPANHIA NO ATAQUE

A DEFESA NACIONAL

Conselho de Administração: — Renato Batista Nunes, Tristão de Alencar Araripe, Otávio da Silva Paranhos, Jair Dantas Ribeiro, Everaldino Alceste da Fonseca e João Dias Campos Junior.

TIROS ESPECIAIS DE METRALHADORAS

Pelo Cap. AUGUSTO CEZAR DE CASTRO MONIZ ARAGÃO

I — Um Esquadrão de Metralhadoras, cujos quadros não estão em condições de preparar um tiro amarrado, às grandes distâncias, mascarado ou indireto, não passa de um Esquadrão de Fuzileiros, sem grande mobilidade.

II — Nos corpos de tropa e na Escola das Armas tive a oportunidade de constatar, que, de um modo geral, os oficiais subalternos não sabem realizar os tiros especiais de metralhadoras. E' uma lastimável verdade.

III — Com o objetivo de facilitar esta instrução nos corpos de tropa, apresento algumas sessões típicas, organizadas em colaboração com o Capitão MAURO MOUTINHO DA COSTA, então comandante do Esquadrão de Cavalaria da Escola Militar, para os cadetes desta unidade.

AUGUSTO CEZAR MONIZ DE ARAGÃO

Capitão, Instrutor da Escola das Armas

ESCOLA MILITAR

Chefia de Cavalaria

INSTRUÇÃO DE TIRO

3.^º Ano

SESSÃO PARA O DIA 21 DE JULHO DE 1938

Local: Encostas N.O. de Cota 60 N. de VILA NOVA.

Hora: 8 (oito).

Turmas de Instrução: 1.^º Pelotão.
4.^º Pelotão.

Uniforme: de instrução, com equipamento.

Arreiamento: aliviado.

Material: 2 metralhadoras "Hotchkiss".

2 T.T. plataforma.

2 níveis de pontaria modelo 1918.

Tabela de tiro para metralhadora "Hotchkiss".

6 balisas bicolores.

20 estacas queixo.

4 croquis de amarração.

Ponto atingido pela instrução: Os cadetes conhecem o funcionamento e a nomenclatura da metralhadora "Hotchkiss".

Já receberam toda instrução preparatória de metralhador.

Objetivo da sessão: Mostrar aos cadetes a necessidade de todo tiro ser amarrado.

Ensinar-lhe a técnica do tiro amarrado.

Quadro do exercício: Sendo eminentemente técnico, o exercício será executado fóra de qualquer ideia tática.

Execução do exercício: Vér quadro n.º 1.

QUADRO N.º 1

Fases	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
1.º) — Entrada em posição.	<p>1.º) — Um remuniciador coloca o T plataforma no local escolhido pelo Tenente, após rápida preparação que permite o giro horizontal do T, em torno do olhal.</p> <p>2.º) — Pelo olhal do T fincar uma estaca, que lhe permita girar horizontalmente.</p> <p>3.º) — O 1.º municiador coloca o reparo sobre o T, na posição alta, prendendo-o com as tranquetas.</p> <p>4.º) — O metralhador coloca a arma sobre o reparo.</p>	1.º) — Para obter-se o máximo de estabilidade da metralhadora, é necessário fixá-la sobre uma plataforma de madeira, que por sua vez é presa ao solo. Devido a forma, esta plataforma tem o nome de T	
2.º) — Colocação em vigilância.	1.º) — No limite esquerdo ou direito do setor, a 10 metros da peça, fincar uma balaiza, bem na vertical.	1.º) — Toda peça que entra em posição é imediatamente apontada sobre uma direção bem determinada no ter-	

Fases	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
	<p>2.º) — Com a peça bloqueada em direção, com o índice em zero caso a baliza esteja a direita ou em 100, no caso contrário, visar a baliza fazendo girar o T em torno do olhal.</p> <p>3.º) — Imobilizar fortemente o T plataforma, por meio de estacas queixo fortemente enterradas no solo.</p>	reno. Chama-se a isso, colocar a peça em vigilância.	
3.º)—Amarração da pontaria em direção.	<p>1.º) — Visar o objetivo, deslocando a peça.</p> <p>2.º) — Ler a graduação do limbo e anota-lo no croquis de amarração do tiro (1).</p>	<p>1.º) — A cada objetivo corresponde:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) uma pontaria em direção; b) uma pontaria em alcance. 	(1) No caso de se querer amarrar vários objetivos, iniciar a amarração da esquerda para a direita.
4.º)—Amarração do tiro em alcance:	1.º) — Visar o objetivo com a alça correspondente à distância a que se encontra.	1.º) — Quando se visa um objetivo com a alça correspondente à distância a que se encontra,	(1) — A alça da metralhadora "Hotchkiss" é graduada

1.º caso—Objetivos a menos de 2.000 ms.

- 2.) — Blocar a peça em altura.
- 3.) — Medir o **Angulo de elevação**, com auxilio do nível de pontaria.
- 4.) — Anotar esta medida, Angulo de Elevação, no croquis de amarração.

encontra, o cano da peça toma para distancia até uma inclinação, cujo angulo 2.000 metros.

que a mede tem o nome de **Angulo de Elevação**.

2.) — Este angulo é a soma algebrica de **Angulo de Sítio** com o **Angulo de Tiro**.

3.) — Até 2.000 ms. o **Angulo de Elevação** é dado diretamente pela metralhadora, visando-se o objetivo com a alça correspondente e medindo-se a inclinação do cano com o nível de pontaria modelo 1918. (1)

5.)—Amarração do tiro em alcance.

2.º caso—Objetivos entre 2.000 e 3.000 metros (1).

1.) — Visar o objetivo com a alça em branco.

2.) — Blocar a peça em altura.

3.) — Medir a inclinação do cano com o nível de pontaria.

Este angulo é o **Angulo de Sítio**, correspondente a **Peca-Objetivo**.

1.) — Quando se visa um alvo com a alça em branco, a Linha de Visada se confunde, praticamente, com a Linha de Sítio.

(1) A tabela de tiro do Reg. n.º 10 só consigna os angulos de Projeção até 3.000 metros.

Fases	Operações a executar	Ensina mentos	Observações
	<p>4.º) — Verificar na Tabela de Tiro qual o Angulo de Tiro para a distancia a que se encontra o objetivo.</p> <p>5.º) — Obter o Angulo de elevação, somando o Angulo de Sitio ao Angulo de Projecção.</p> <p>6.º) — Registrar este Angulo de Elevação no croquis de marcação do tiro.</p>		
6.º) — Execução da pontaria.	<p>I — Pontaria em direção.</p> <p>1.º) — Deslocar o cano para o lado em que está o objetivo colocando o indice sobre a graduação do limbo, correspondente á anotada no croquis de amarração do tiro.</p> <p>2.º) — Blocar a peça nesta posição.</p>		

3.) — Colocar os limitadores de ceifa de modo a realizar a ceifa prevista pelo comandante de Seção.

II — Pontaria em alcance

1.) — Graduar o nível de acordo com o **Angulo de Elevação** anotado no croquis para o objetivo considerado.

2.) — Colocar o nível de pontaria sobre o cano.

3.) — Agir sobre o volante de elevação de modo a trazer a bolha de ar entre os dois traços de referencia do nível.

7.) — Execução do tiro.

1.) — Executar o tiro em séries.

2.) — Verificar frequentemente, durante o tiro, a posição da bolha de nível.

ESCOLA MILITAR
Chefia de Cavalaria

Instrução de tiro

SESSÃO PARA O DIA 3 DE AGOSTO DE 1938

Local: Sala 11.

Hora: 8 (oito).

Turmas de instrução: 1.^º Pelotão.
 4.^º Pelotão.

Uniforme: de instrução.

Material: Regulamento n.^º 10.

Tabelas de tiro.

Papel.

Lapis.

Borracha.

Compasso.

Transferidor.

Papel para calco.

Carta da VILA MILITAR — 1:20.000.

Ponto atingido pela instrução: Os cadetes já trabalharam, no tiro amarrado e mascarado, com as tabelas de tiro.

Objetivo da sessão: Ensinar aos cadetes fazerem o tiro de metralhadoras às grandes distâncias.

Quadro do exercício: Sendo eminentemente técnico, o exercício será realizado fóra de qualquer idéia tática.

Dados do problema:

- a) Posição da peça (099770-101260).
- b) Posição do objetivo (102370-100290).
- c) Boletim de sondagem:
 - Hora da sondagem 10 horas.
 - Altura do ponto de sondagem: 30 ms.
 - Temperatura: 34°.
 - Estado higrométrico: 2 (1)
 - Pressão: 750 m|m.
 - Direção do vento: 4.800.
 - Velocidade do vento: 7 ms.

Execução do exercício: Vêr quadro anexo.

NOTA — (1) O estado higrométrico ou humidade relativa varia de 0 (zero) a 1 (um). Este 2 (dois) corresponde pois a 0,5 (meio).

Fases	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
I — Localização na carta da posição de tiro e do objetivo.	I — Utilizar as coordenadas da posição de peça e do objetivo e os conhecimentos topográficos que possuem (1) (2).		(1) A peça está em M. ^o do PAIOL sobre a curva de nível 50, no ponto em que se interrompe a L. do 0 (zéro) de 50. (2) O objetivo está no ponto cotado 14 (600 metros S.W. da Est. HONORIO GURGEL.
II — Cálculo do angulo de elevação inicial.	<p>II — Determinar a distância topográfica entre a posição de tiro e o objetivo:</p> <p>a) Com o duplo decímetro tomar a distância entre os dois pontos (0m,14);</p> <p>b) Calcular a que distância natural corresponde essa distância tomada na carta (2.800 ms.).</p>	<p>I — Leitura da carta: Emprêgo da escala numérica.</p> <p>II — Para se obter o sitio em milésimos é bastante dividir a diferença de nível pela distância, topográfica em quilometros.</p> <p>III — Chama-se ângulo de elevação inicial ao ângulo</p>	

Fazes	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
	<p>III — Determinar o ângulo de sitio:</p> <p>a) Determinar a diferença de nível ($- 36$ metros);</p> <p>b) Transformar esta grandeza linear em grandeza angular ($- 12$ mls. 8).</p> <p>IV — Calcular o ângulo de elevação inicial ($E = \alpha + S$).</p> <p>a) Somar ao ângulo de sitio ($S = - 12,8$), o ângulo de tiro correspondente ao alcance de 2.800 ms. ($+ 188,0$).</p> $Nc = + 188,0 + (- 12,8) = \\ = 175,2.$	<p>correspondente à inclinação a dar-se ao cano da arma para determinado tiro, sem se levar em conta as correções. Em contraposição, dá-se o nome de ângulo de elevação do momento à inclinação dada ao cano para determinado tiro, após terem sido introduzidos as correções atmosféricas do momento. Também se chama ângulo de elevação corrigido.</p>	
	<p>III — Correção da pontaria em alcance determinação do ângulo de elevação corrigido ou do momento.</p> <p>V — Determinar a correção temperatura e pressão a fazer:</p> <p>a) Calcular a pressão a 50 metros de altura, em função da pressão 750 para</p>	<p>IV — A cada 100 metros de aumento na altitude, corresponde uma diminuição de 9 m m. na pressão atmosférica.</p> <p>Logo, para um aumento de</p>	(3) 748,2 que, por aproximação, tomou-se 748.

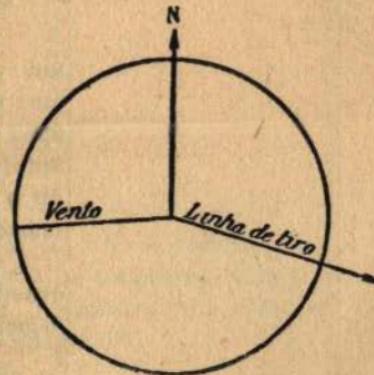
a altura de 30 metros, 20 metros corresponde uma dada no boletim de sonminuição de dagem.

$$\begin{array}{rcl} P_{50} = 750 - \frac{9 \times 20}{100} & & \frac{9 \times 20}{100} \\ & = & \\ & = 748 \quad (3) & \end{array}$$

- b) Entrar com este valor para a pressão e 34° para a temperatura no abaco V do Reg. n.º 10, achando para o peso de 1m³ de ar: 1 kgm. 118
- V — Entrando com o valor de 748 para pressão e 34° para temperatura no abaco V, vê-se que o peso de 1m³ de ar está entre 1,125 e 1,115, donde intercalando-se tem-se que o peso de 1m³ de ar é igual a 1,118.

- c) Entrar com este valôr na tabela das variações dos ângulos de tiro em função do alcance, tabela VII do Reg. n.º 10, encontrando-se para correção o peso de 1m³ de ar (temperatura e pressão): — 12,11m. 54
- VI — Calcular a correção vento a introduzir:
- VI — A tabela VII foi construída em uma atmosfera cujo peso do metro cubico é de 1,kgm.175. Logo, entra o peso da atmosfera da tabela e a do tiro a realizar ha uma diferença de — 57 grs..

Ora, si a 2.800, para uma diferença de peso do ar de 100 grs., ha necessidade de



Fases	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
	<p>a) Construir, gráficamente, em papel de calco o ângulo formado pela direção do vento com a linha de tiro (4).</p> <p>b) Aplicar a figura, assim construída, sobre a rosacea da tabela III do Reg. n.º 10, de modo que a linha correspondente à linha de tiro fique sobre a seta (Alvo).</p> <p>c) Verificar sobre que graduação está a linha correspondente à direção do vento. Sobre 18, mede, negativo.</p> <p>d) Ir na taboa dos alcances, na coluna do vento por segundo, procurar 7. No ponto de encontro da linha verde com o alcance de 2.300 ms. tomar a cor-</p>	<p>uma correção de 22 mlm., para uma diferença de — 57, haverá de:</p> $\frac{22 \times 57}{100} = - 12,54$ <p>VII — A direção do vento, 4.800 ml., é dada em relação ao Norte geográfico.</p> <p>Para ter-se o ângulo formado pela direção do vento e direção do tiro, é bastante construir os ângulos que cada uma dasas direções forma com a direção do Norte em um mesmo papel (4).</p> <p>$\angle = \text{vento menos tiro}$. $\text{Soma-se } 6.400 \text{ m. quando } \angle \text{ vento} < \angle \text{ tiro}$</p>	

reção aí consignada. Dar-lhe o sinal negativo" —
— 13.

VII — Calcular o ângulo de elevação do momento (ou corrigir);

- a) Somar o ângulo de elevação inicial (175,2) as correções de peso do m³ de ar (-12,54) e vento (- 13)

$$\text{Nm} = 175,2 + (-12,5) + (-13) = 149,ml.7.$$

IV — Correção da pontaria em direção: determinação do limbo do momento.

VIII — Determinar a correção vento a fazer:

- a) Colocar sobre a rosácea da tabela IV do Reg. n.^o 10 a pagina (4), nas mesmas condições da letra b, do item VI.
- b) Executar as mesmas operações descritas nas letras c e d do item VI.

VII — Limbo inicial é o limbo segundo o qual se visa o objetivo.

Limbo do momento é o limbo, segundo o qual se faz o tiro, após a introdução das correções.

IX — Cada divisão do limbo corresponde a 10 milésimos ou seja um decamilesimo.

(5) A metralhadora é apontada sobre o objetivo com o limbo em 70.

100

Fazes	Operações a executar	Ensinamentos	Observações
	<p>b) Executar as mesmas operações descritas nas letras c e d do item VI, encontrando para correção vento: — 7 ml.</p> <p>IX — Calcular o limbo do momento (5):</p> <p>a) Somar ao limbo 70 a correção vento (— 0,7).</p> <p>$Lm = 70 + (-0,7) = 69,3$</p>		
V - Execução do tiro.	<p>X — Apontar em direção:</p> <p>a) Deslocar o cano, colocando o índice entre as graduações 69 e 70, mais ou menos a 3 décimos daquela.</p> <p>b) Blocar a peça em direção</p> <p>c) Colocar os limitadores de ceifa de modo a realizar</p>		

a ceifa prevista pelo comandante da Secção.

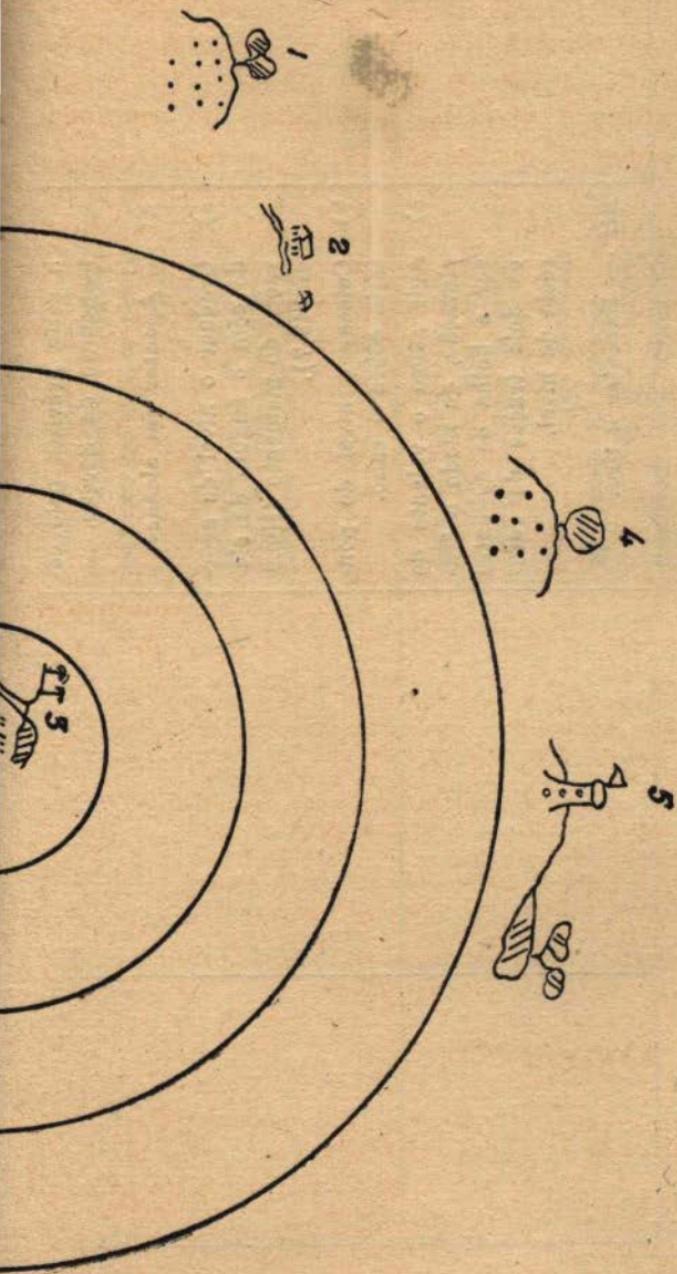
XI — Apontar em alcance:

- a) Graduar o nível de acordo com o ângulo de elevação do momento ($Nm = 149,7$).
- b) Colocar o nível de pontaria sobre o cano.
- c) Agir sobre o volante de elevação, de modo a trazer a bolha de ar entre os dois traços de referência do nível.

XII — Executar o tiro.

Objetivo	Limbo	Altura	Sinal	Ang. de topo	Ang. elev.
				+100	
1	94,6	2,600	-9	158,00	147,00
2	87,0	2,100	+2	98,00	101,00
3	81,0	450	—	—	3,70
4	79,0	2,700	+8	173,00	161,00
5	68,3	2,500	+12	164,00	156,00

CROQUIS DE AMARRAÇÃO



CONSIDERAÇÕES SOBRE O EMPREGO DOS CANHÕES E MORTEIROS

Major DJALMA DIAS RIBEIRO

Todos os oficiais do Exército devem ler o presente artigo, escrito com clareza, concisão e precisão, por um dos mais habeis artilheiros que possuímos.

O Autor focalizou um assunto palpitante, sobre o qual temos muito que pensar. Os chinezes estão fazendo face aos nipons apenas com o morteiro que, após um ano de guerra, foi, também, largamente distribuído à infantaria japonesa.

O Major Djalma tem autoridade para falar acerca da questão, pois foi professor eficiente na antiga E. A. O. e, agora, no sub-comando do Grupo Escola, deixou claramente provado que, dia a dia, se torna um oficial mais completo e dedicado exclusivamente aos mistérios da sua profissão. (Nota da Redação).

Preliminares

Quando surgiu o canhão e os Exércitos organizaram a Arma de Artilharia, pareceu, aos observadores entusiastas da nova Arma, que só ela resolveria todos os problemas do campo de batalha e o país que fosse melhor dotado de canhões, teria o adversário a sua mercê.

A história, entretanto, aí está para demonstrar que os acontecimentos não tomaram estes rumos. O canhão, indiscutivelmente, veio modificar a manobra das unidades e tornar-se, desta forma, um colaborador precioso no quadro dos Exércitos.

Passam-se os tempos e, surge como elemento de combate, o avião — que fez prodígios na guerra 1914/1918, quando ainda em estágio primário. A nova arma empolga os meios militares e leva os Exércitos a organizarem a sua Aviação Militar qualitativa e quantitativamente, nas máximas proporções compatíveis com

os respectivos orçamentos nacionais. Aperfeiçoado continuadamente o elemento de combate da terceira dimensão, fica a impressão que o avião vai representar o papel capital, preponderante na guerra futura, relegando para um plano secundário as forças de terra e de mar.

Vem a guerra da Espanha, irrompe a Grande Guerra de 1939 e não obstante a Aviação prestar um serviço de real valor, ela não supre, nem apaga o papel das demais armas, que continuam a desempenhar, com galhardia e brilho, as suas árduas tarefas nos campos de batalha.

Com o aparecimento de novos engenhos de guerra, vem, muitas vezes, a alguns, a impressão que determinadas Armas vão entrar em declínio, perder sua finalidade, esquecidos, êstes exaltados admiradores das novidades, que todas elas têm a sua oportunidade de emprego harmonioso nos combates variados do campo de luta.

Com o advento do avião e do motor, a Cavalaria passou durante uma época a ser uma Arma de utilidade discutida e os cavalarianos sentiram o travo das opiniões dos menos avisados, que a julgavam sem influência ponderável no desenrolar das batalhas. Mas a Arma de Andrade Neves adaptou-se rapidamente aos novos meios que lhe forem proporcionados e manteve invicto o "panache" conquistado na epopéa Napoleônica e hoje, como ôntem, a sua ação é desempenhada com a audácia, o entusiasmo e a bravura que formam seu tradicional apanágio.

Os engenhos de tiro curvo, surgidos diante de Porto Artur, na Guerra Russo-Japonêsa, imediatamente depois de adotados pela Alemanha e só bem mais tarde fazendo parte da organização do Exército Francês, têm dado agora a falsa impressão, a um punhado de profissionais, que êste novo armamento pode substituir o ca-

nhão e que a Arma de Artilharia vai ter o seu brilho empanado.

E' êste ponto de vista que pretendemos analizar, tentando mostrar que canhão e morteiro se completam no fornecimento de fogos sôbre o terreno, têm aplicações harmônicas no combate, um remata as deficiências do outro; o seu emprêgo e a sua finalidade, porém são diferentes e um não substitue o outro.

O morteiro

E' verdade conhecida que a manobra das pequenas unidades está estreitamente subordinada às propriedades técnicas do armamento usado; e, assim, quando apareceu, na Infantaria e na Cavalaria, a metralhadora, a manobra das pequenas unidades destas Armas foi grandemente modificada, alcançando uma grande eficiência, notadamente na defensiva, onde a arma automática, abrigada e colocada atrás de um obstáculo, podia realizar uma barragem sôbre larga faixa de terreno, impossível de ser transposta pelos atacantes, que, ao tentar atravessá-la, ficavam sob a ação do trama realizado pelas trajetórias das armas da defesa.

O atacante, infante ou cavaleiro, não dispunha organicamente de meios próprios para atingir o defensor abrigado em seus ninhos, e desta forma este ficava com marcante superioridade sôbre aquele.

Para restabelecer o equilíbrio entre o defensor abrigado e o atacante descoberto é que surgiu na Infantaria e na Cavalaria o engenho de tiro curvo, o qual, de 1904 até aos nossos dias, vem conquistando, nas ações ofensivas, a primasia entre o armamento orgânico destas duas Armas.

E isto porque, a potência do fogo, se apresenta sob dos aspectos distintos e inconfundíveis: fogo ofensivo e fogo defensivo.

Na defensiva, já vimos, o fogo rasante das metralhadoras tem a eficácia bastante contra o assaltante que é obrigado a se descobrir para progredir e que cairá fatalmente sob os fogos das armas automáticas da defesa, que, estáveis e abrigadas, executam o tiro em zonas pre-estabelecidas, sistemáticas.

Na ofensiva, o fogo deve neutralizar e destruir o defensor que se encontra abrigado e atraç de um obstáculo, tornando-o incapaz de impedir a progressão do atacante. Para atingir êste defensor, é necessário que os projéctis do atacante incidam no terreno sobre grandes ângulos, o que só é conseguido com o emprêgo dos engenhos de tiro curvo.

Conclue-se, daí, que, para a Infantaria e Cavalaria, a metralhadora é a arma capital da defensiva e o morteiro é a arma essencial da ofensiva. Como é natural e lógico isto não implica em afirmar que a metralhadora não tenha um papel a desempenhar na ofensiva e que o morteiro deva permanecer inerte da defensiva.

Parece oportuno deixar aqui bem assente, que os tiros feitos pelos morteiros, assim como o das metralhadoras, ficam restritos à zona imediata da frente compatíveis com as suas possibilidades de alcance; a partir daí e em toda a profundidade em que se escalonam os elementos adversários, ficam êstes fora da ação dos fogos das armas da Infantaria e da Cavalaria.

Inicialmente o morteiro de 81 m/m fez um estágio no Regimento. Era a arma com que o Coronel exercia a sua vontade, seja antes da ação, atribuindo-o a um dos Batalhões, seja depois de desencadeado o combate, acionando o seu fogo em proveito de determinada unidade.

Em seguida a prática demonstrou que o morteiro era necessário no Batalhão e o Batalhão foi dotado organicamente dêste engenho de tiro curvo.

Hoje, finalmente, é ponto assente, nos principais Exércitos, que o morteiro é imprescindível na Companhia de Fuzileiros. Na França "o morteiro de 60 constitue o seu principal engenho ofensivo", conforme especifica o artigo 207 das "Instruções provisórias do Morteiro 60" de 25-II-936.

Entre nós, as Companhias de Fuzileiros não dispõem ainda de morteiros, mas a sua adoção é de tal forma evidente ,sua utilização e emprêgo aparecem como tão exuberantemente necessários ao mais simples análise, que tudo faz crer não haverá demora em incluí-lo no armamento orgânico destas sub-unidades.

No momento em que se agita o problema de dotar o Exército de mais uma espécie de armamento, é necessário bem ponderar sobre a sua influência no problema vital do remuniciamento.

A fabricação do cartucho para o morteiro de 60 m/m será um encargo a mais imposto à nossa incipiente indústria militar e, tal fato, merece ser analizado com espírito desapaixonado; a questão do transporte da munição apresenta também uma face interessante da questão e que requer exame, parecendo merecer especial atenção a solução encontrada na França pela adoção da Chenillette Renault, que teve uma influência considerável, para remover as dificuldades do remuniciamento.

Bem pesadas as vantagens e as dificuldades que possam trazer a inclusão do morteiro de 60 m/m, somos de opinião que êle deve fazer parte do armamento orgânico das nossas Companhias de Fuzileiros e Esquadrões de Cavalaria.

O canhão.

Em estudos desta natureza é preciso lembrar que “**A artilharia é, por excelência a arma dos fogos poderosos, largos e profundos**”.

Para quem conhece as possibilidades do armamento bélico moderno, não pode restar dúvida que a Artilharia e só a Artilharia é capaz de realizar estes fogos.

Além disto, a Artilharia é a arma do Chefe, por excelência — traduz a sua idéia de manobra, expressa a sua vontade ,inicialmente pelo dispositivo tomado e, no correr do combate, quando êste dispositivo sofre as modificações resultantes das reações do adversário, no momento em que a Infantaria e a Cavalaria estão empenhadas e consequentemente sem capacidade de executar novas missões, a Artilharia permanece sob a direção do Chefe, livre e capaz de fazer sentir a sua vontade no ponto visado e com a intensidade requerida.

Em virtude das características técnicas do canhão e de suas possibilidades, as missões de fogo pedidas à Artilharia nas diferentes fases da batalha podem ser resumidas e enquadradas nas três principais:

- ações longínquas;
- luta contra a artilharia inimiga; e
- ações na zona imediata do combate.

As missões compreendidas nas duas primeiras categorias só podem ser realizadas pelo canhão com seus fogos poderosos, largos e profundos, mostrando-se os demais armamentos incapazes de aí cooperarem com a arma de Mallet.

Na zona imediata do combate, a Artilharia apenas auxilia a Infantaria ou a Cavalaria, fornecendo um su-

plemento de fogo, ao fogo dos diferentes armamentos que estas duas Armas empregam.

No emprêgo da Artilharia é preciso ter a exata compreensão das possibilidades da Arma e saber tirar dali o máximo efeito.

Emprêgo do canhão e do morteiro na ofensiva.

Sem analizarmos todas as fases do combate ofensivo, procuraremos mostrar, em linhas gerais, o emprêgo do armamento que estamos estudando.

"Na ofensiva — prescrevem as Instruções de 25 de fevereiro citadas — o morteiro 60 é empregado unicamente em missão de acompanhamento", não executa portanto, os tiros de apôio, nem toma parte na preparação do ataque.

E' por excelência a arma que dispõe o Capitão para quebrar as resistências fragmentárias que se opuzerem à progressão de seus Grupos de Combate, devendo, assim, manter estreita ligação com êle, para abrir o fogo quasi ao mesmo tempo que a resistência aparece, e estar com a sua dotação de munição completa no instante em que se desencadear o ataque.

Só procedendo desta forma pode a Companhia de Fuzileiros ou o Esquadrão de Cavalaria progredir rapidamente.

A destruição e a neutralização das resistências que se revelarem, no momento do desencadeamento do ataque, cabem a base de fogos, isto é, às metralhadoras e aos morteiros de 81 m/m, sendo que êstes morteiros já podem ter cooperado na preparação, nos pontos em que os canhões não são suficientes para bater.

A Artilharia tem na ofensiva um papel preponderante, destruindo ou neutralizando os obstáculos que se

opõem à progressão da Infantaria ou Cavalaria, além do limite da zona de segurança destas armas, sob a condição unica de que estes obstáculos estejam previstos com tempo necessário, para que a Artilharia, preparando o seu tiro, realize um fogo oportuno. Não é possível pensar que uma resistência, um ninho de metralhadoras que surge durante um lance de Companhia ou Esquadrão, ou que desponte no flanco de um batalhão possa ser imediatamente neutralizada pela artilharia que se encontra grandemente afastada. Estas resistências devem ser reduzidas pelos próprios engenhos de tiro curvo da Infantaria e Cavalaria.

A Artilharia cabe realizar as ações:

- longinhas;
 - contra a artilharia inimiga;
 - na zona imediata do combate;
- estas últimas dentro das condições que indicamos.

O emprêgo do canhão e do morteiro na defensiva.

Na defensiva, conforme tivemos ocasião de afirmar, as armas de tiro rasante têm ensejo de encontrar o máximo de seu rendimento, cabendo às metralhadoras o papel preponderante.

Os morteiros de 60 e 81 m/m, especialmente este último, servem para bater as partes do terreno em ângulo morto, que ficam, assim, fóra dos efeitos dos tiros das armas automáticas; também a estes engenhos podem ser confiadas as missões de tiros no interior da posição, caso o inimigo consiga progredir aí.

Um outro emprêgo ideal para os morteiros, em particular para o de 60 m/m, será nos contra-ataques imediatos, cuja execução demanda rapidez na ação e é tão

delicada pelas dificuldades de ligação entre as Companhias de Fuzileiros ou Esquadrões, o Batalhão ou Regimento e a Artilharia de apoio direto.

A Artilharia cabem as ações:

- longinhas;
- contra a artilharia inimiga; e
- na zona imediata do combate, no que diz respeito aos tiros de contra preparação, de barragem e no interior de posição, que tenham sido previstos.

Conclusões:

Parece que do rápido estudo que acabamos de realizar podemos tirar algumas conclusões, interessantes apesar de conhecidas e aceitas:

A Infantaria e Cavalaria devem possuir organicamente:

- 1 morteiro de 60 m/m na Companhia de Fuzileiro ou Esquadrão de Cavalaria;
- 2 morteiros de 81 m/m no Batalhão ou Regimento de Cavalaria;
- 4 morteiros de 81 m/m no Regimento de Infantaria.

Dada a necessária e acentuada tendência para aligeirar a Infantaria e a Cavalaria e as dificuldades que o remuniciamento apresenta, o número de morteiros não deve ultrapassar o indicado acima.

Finalmente, o emprêgo do morteiro, que tão assinalados serviços veio prestar, em nada diminuiu o valor e a necessidade do emprêgo da Artilharia que no campo de batalha tem missões particulares que as demais Armas não podem realizar.